

*Ex. n.º 14-6-913*

# DA CABEÇA

*Considerações nos domínios da Arte  
e da Anthropologia.*

Memoria apresentada á  
Escola Nacional de Bellas Artes  
para o concurso ao logar de

Professor Cathedratico de Anatomia  
e Physiologia Artisticas

— POR —

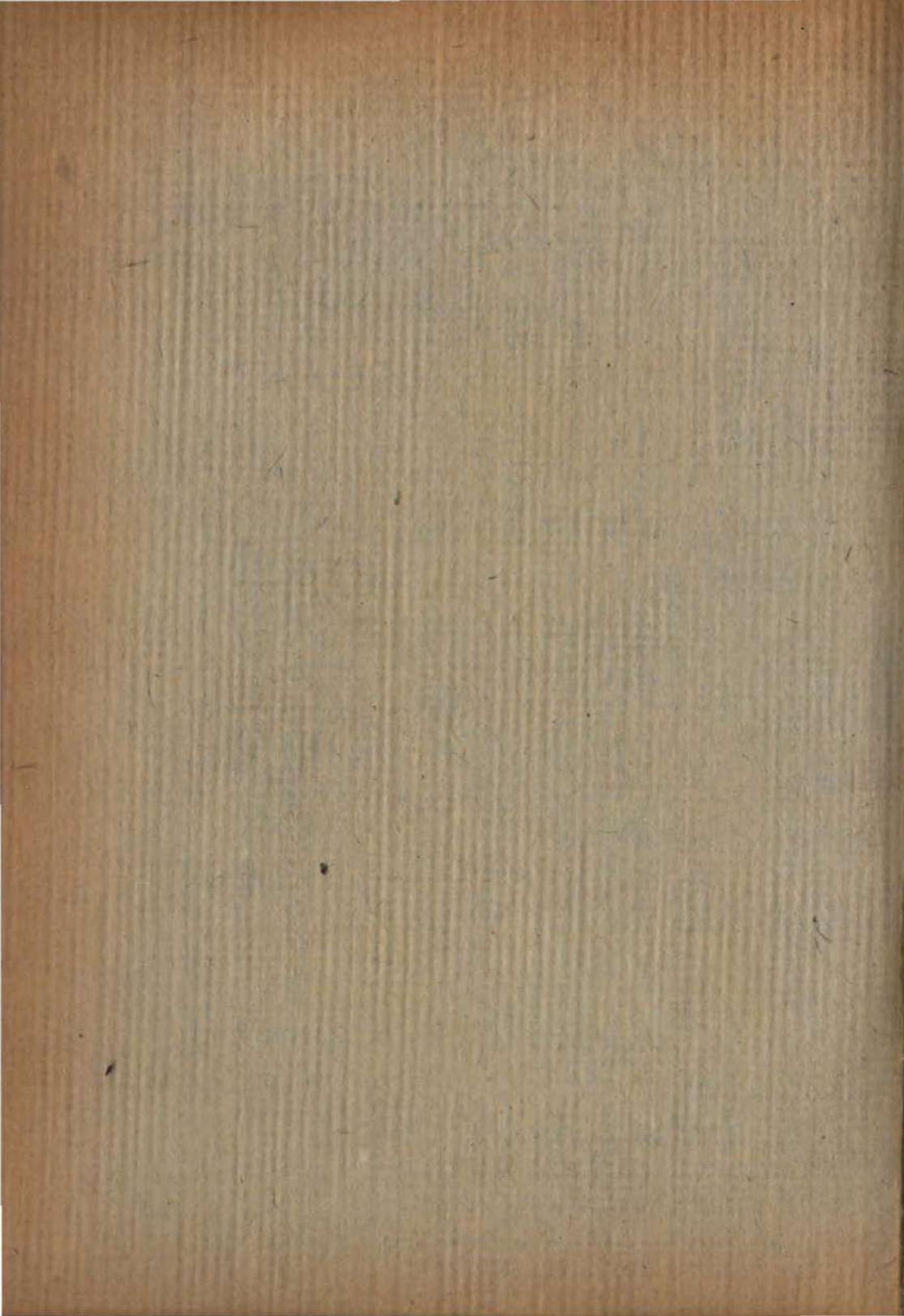
von Döllinger da Graça



RIO DE JANEIRO

Typographia «America» Rua do Senado, 70

MAIO DE 1917



# DA CABEÇA

*Considerações nos domínios da Arte  
e da Anthropologia.*

Memoria apresentada á  
Escola Nacional de Bellas Artes  
para o concurso ao logar de

Professor Cathedratico de Anatomia  
e Physiologia Artisticas

— POR —

von Döllinger da Graça



RIO DE JANEIRO  
Typographia «America» Rua do Senado, 70

MAIO DE 1917

747

272702  
3170/14  
00110/14

## CAPITULO I

---

A memoria óra apresentada á illustre Congregação da Escola Nacional de Bellas Artes, só póde ter um merito, o da virtude apostolar da perseverança, animada e vivificada ao sabor das vicissitudes.

Confesso-o com lealdade, não me divorciando da maxima de um Maricá (1) para quem, a «lealdade refresca a consciencia».

Concorro á cathedra de Anatomia e Physiologia Artisticas desta Escola, com um capitulo para o qual mais sublinhado deve figurar do que em outro, o preceito de Winkelmann, quando sobre Arte diz : «O objectivo mais digno da nossa attenção e dos nossos ideaes, é aquelle que tiver por mira o conhecimento do proprio eu».

Escolhi o territorio onde o homem assenta a sua mentalidade, a sua consciencia e a sua força. Delineei a minha Memoria, estudando a *largos traços*, desde os tempos prehistoricos até hoje, o valor artistico da Cabeça, o seu papel, a sua representação, toda a importancia do seu conjuncto na figura humana, e o seu alto destaque, considerada como unidade. Depois, em capitulo ulterior, abordei a Anthropologia, fiz um estudo de Anthropologia Zoologica, com o duplo intuito de comparação e do subsequente realce, que a Cabeça assume em todos os terrenos onde seja observada.

No meio e no vastissimo campo onde se encontre aquelle que se haja occupado da disciplina óra em concurso,

---

(1) Maximas—Marquez de Maricá.

estou certo que os conselhos de um Stratz lhe foram bastante proveitosos.

«Nosso dever é familiarisar o artista com o corpo humano, imprimir-lhe noções do natural, todavia a nossa posição deve estar entre as sciencias artisticas e as sciencias naturaes.» (1)

Na cabeça, o sceptro da figura humana, estão reunidos os cinco termos harmonicos da geração elementar das fórmas, na expressão de Charles Blanc. (2)

«Sua fórma que se aproxima da esphera é a fórma ideal», opina St. Pierre. «Os cabellos representando a linha, o nariz o triangulo, a oval nos olhos, e a parabola no vasio que se defronta debaixo do mento, tem em sua magnificencia, obra que o é de tanto primor, por columna o pescoço onde ella assenta, pedestal cylindrico do alto do qual, o homem, por seus olhos, janellas sempre abertas da vida, contempla a maravilha da sua formação.»

Na disposição das linhas, dos angulos e dos triangulos, os termos foram dispostos em clausulas subordinantes umas das outras. A natureza ou no dizer de Platão, a Geometria do Creador, uniu o fim utilitario ao lado artistico e a harmonia não deixou de figurar no concerto respectivo.

Assim é que os cabellos se não representam como simples linhas rectas, mas antes em circulos adaptados á oval da physionomia, a disposição ondulosa das narinas contem-se com a fórma em coração da bocca, e diminue na parte da frente, etc., etc.

O homem é o resumo de todas as creações anteriores, e o seu embryão passou pelas fórmas inferiores no curso do seu desenvolvimento.

Ao menos por óra, já que dissertamos de um ponto de vista artistico, deixem-nos passar á affirmativa. Só assim se

---

(1) Stratz—La figura humana en el arte.

(2) Charles Blanc—Gramaire des Arts du Dessin.

justifica que a Arte lhe vá descobrir na physionomia traços do leão com a sua intrepidez e a sua generosidade, que o homem e a raposa, (a fôrma psychica da astucia, da malicia, da prudencia e da subtileza), estejam em tão intima relação, como apontam Buffon e Schaack (1) quando estudam a physionomia.

A fôrma da cabeça do Mephistopheles do Fausto é ainda a da raposa: belzebuth claudicante no dizer de Buffon.

Entre os Faunos creados pela Arte Grega, ha um cuja imagem tem cornos e pés de bode, natureza quente que elles não deixavam á margem da observação, para a physionomia das suas divindades.

Os romanos designavam as familias pelos caracteres da physionomia, addicionando-lhes um sobrenome, v. g. Nazonas.

Os cabellos, como emblema da perfeição, protegem o orgão do pensamento e vão servir de signal distinctivo nas raças, no que discorda Finot classificando de um subterfugio da sciencia, impotente que o é em differençar os povos pela coloração. (2)

O primitivo modelo do homem, diz Platão, fel-o Deus desapparecer num objectivo delineado em favor da variedade da especie.

Na figura humana a symetria das linhas horizontaes e verticaes é perfeita, e tanto assim que desde a postura vertical que a Morphologia lhe assegurou completa e efficaz, «o corpo do homem sendo na expressão de CHARLES BLANC um prolongamento do raio do globo perpendicular ao horizonte» até as variações do eixo em maior ou menor angulo, o ideal na proporção foi encontrado.

O ideal da belleza sem duvida é por excellencia subjectivo, mas do nascedouro já vem alguma coisa que o meio

---

(1) Schaack — La Physionomie — Traducção do dinamarquez.

(2) Finot—Les prejugsés des races.

educa e que as tradições respeitam. E se assim não fôra o LAOCOONTE não permaneceria obra prima de belleza, elle que no dizer de FINOT e TOPINARD (1) tem a perna esquerda maior que a direita, e que para manter um de seus filhos fórça mais a ultima.

Os antigos, declara FINOT, seguiam a epocha, davam fronte de 90° a 100° e os gregos conciliavam a variedade individual e a regra typica.

Nos problemas de ordem technica ou esthetica, nas combinações hybridas, cabeças e bustos humanos adaptados aos corpos de peixes, cavallos, passaros e serpentes, os gregos, com admiravel instincto, crearam typos fabulosos, entre os quaes o Centauro e a figura alada são dos mais brilhantes.

Monsieur HENRY LECHAT, (2) encarregado do curso de historia da arte na Universidade de Lyon, em uma lição sobre a Esculptura Grega, mais ou menos assim se exprime :

«O typo classico do Centauro não appareceu repentinamente pois que nos monumentos do VI e do VII seculos encontram-se combinações differentes em que o corpo do homem adiante do do cavallo é inteiramente conservado até aos pés, e em outros em que as pernas humanas se terminam pelos cascos deste animal.»

O genio e a mentalidade dos povos antes da esculptura, traduziu-se nas dimensões, e eis a architectura em primeiro plano, reflectindo a face humana de cada um destes povos, como o seu modo de vida.

A direcção das linhas na physionomia, que HUMBERT DE SUPERVILLE estuda, é de uma absoluta significação nas suas applicações e relações com a architectura.

---

(1) TOPINARD—L' Anthropologie.

(2) LECHAT—L'Esculpture grecque.

«Quando na face os órgãos duplos guardam a horizontalidade, o equilíbrio das faculdades psychicas é absoluto.»

«O riso e o prazer se traduzem na obliquidade dos referidos órgãos, e o chinez para quem esta obliquidade é sensibillissima, traça na sua construcção, linhas, que concordam com a sua physionomia.»

Na architectura o predominio de uma dimensão linear geometrica é uma causa de magestade na belleza artistica.»

«Destarte são: o predominio da profundidade nos monumentos indostanos, o da horizontalidade nos egypcios, o da verticalidade nos medievaes e a proporcionalidade entre todos estes elementos nos estylos da architectura grega.» (MORALES DE LOS RIOS).

Na arte prehistorica a Cabeça divorciou-se por completo da esthetica.

Grande em um dado documento, pequena em outro, quando privada dos órgãos dos sentidos, e se soldada ao tronco, como no comum dos casos, punha em realce a de nominada «lei da frontalidade» cujo representante classico foi, se me permitem, o Egypto. Na

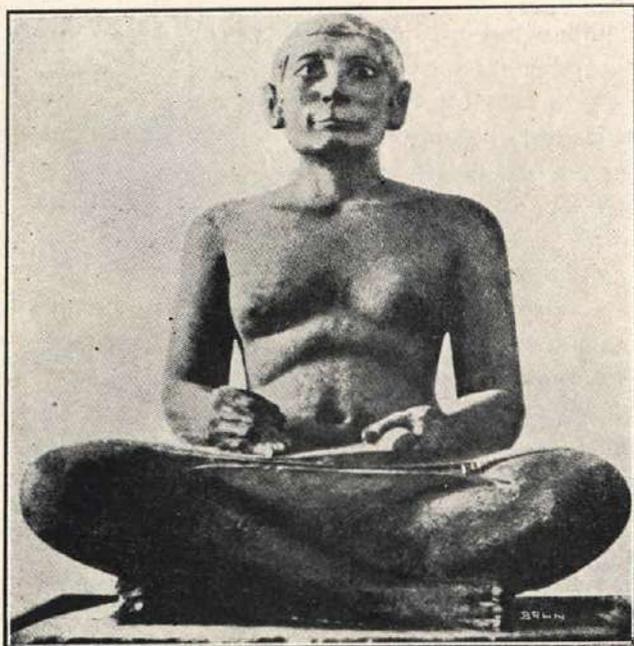


Estatua do sacrificio de Damar (Fig. 1)  
(Museu de Leyden)

representação dos deuses, dos idolos, e em outras obras artísticas, a idade da pedra, fazia, ás vezes, omissão da physionomia humana v. g. na *estatueta do sacrificio de Damar*, em que uma mascara lhe substitue os traços physionomicos. (Veja Fig. 1)

Em outras passagens, a estatueta ainda com a cabeça altamente desproporcionada, traz aos seios uma das mãos, e deste thema nasce a concepção da Astartéa como deusa da fecundidade, posteriormente transformando-se a mesma expressão, em expressão de pudor, como sóe ser no dizer de alguns auctores, áquelle que assignala a postura da Venus de Milo.

O Egypto traz consigo a accusação de um extremo apego ás convenções.



O Escriba do Egypto (Louvre) (Fig. 2)

Nos primitivos tempos, na cabeça, a face predomina sobre o cráneo, o tronco é curto e as pernas em demasia compridas. O museu archeologico de Leyden possui figuras de grande valor deste periodo antigo, onde, todavia, as proporções seguem os canones de 19 dedos indicadores.

No periodo saíta, assignalado como um «Renascimento egypcio», depois que os principes de Saïs unificaram os estados, a arte e a politica soffrem um novo impulso, sem produzir comtudo, obras consideraveis como o Escriba por exemplo, que no dizer de REINACH, seria um primor, «se a cabeça tivera uma expressão de vida interior». (1) Veja Fig. 2

Sua arte religiosa é exclusivamente sacerdotal. (2)

A figura egypcia, na esculptura, apresenta a cabeça excessivamente grande, uma expressão rigida, e com toda a sua independencia espirital, a «lei da frontalidade» domina em plenitude; enquanto na Assyria ha a representação systematica do perfil.

A belleza natural não progrediu no Egypto, e nos periodos que lhe seguiram, póde-se, sem temor, emittir esta opinião; a Chaldéa especulou antes com a força.

A Assyria, que da Chaldéa recebera a civilização, permittiu-lhe a natureza que sua esculptura obtivesse um notavel desensolvimento; e em Korsabad, a cabeça humana cinge os corpos de enormes touros alados, que lhe defendem as entradas. Todavia no gesto, na forma e na expressão, elles faltaram á verdade e bem longe se acham do Egypto.

A inspiração e o methodo, a imaginação e a razão são factores necessarios á arte; e, Kant assignala, com verdade, que «o enthusiasmo é a manifestação mais sublime da razão».

ROGER PEYRE, (3) dissertando sobre a belleza e a sua influencia na arte grega, e ruminando o pensamento do

(1) REINACH — Apollo.

(2) ROGER PEYRE — Historia das Bellas Artes.

(3) ROGER PEYRE—Obra citada.

philosopho allemão, ajunta que os Gregos, com razões de sobra, collocaram Urania entre as Musas.

O genio ao serviço deste povo, unido ao livre exercicio das suas faculdades, fal-o produzir uma Minerva Aptera, as Metopes do Parthenão, e em outra ordem de manifestações artisticas, as figurinhas de Tanagra, e a esculptura criselephantina — ramo da criação touretica de Phidias — na qual os esmaltes dão vida e côr ao olhar.

A arte é ali de um exagero extremo quanto a simplicidade; e só poderia ser banal, á força de ser imitada.

Quando a Grecia se emancipou da lei da frontalidade, ruiu a arte primitiva entre ella; arte em a qual a figura humana, com todo o seu archaismo e rigida mascara ao rosto, conserva por completo o character do momento inicial.

Os orgãos vegetativos diminuem; mas os musculos se accentuam assegurando assim a idéa de fazer sobresahir os rasgos do vigor, porque as tradições respeitavam que se puzesse em evidencia a força.

Quando a torsão e a inclinação do tronco foram melhor estudadas, á rigidez archaica substitue-se a posição lateralizada, no dizer de LUCIANI; (1) denominada, tambem, posição de cadeira ou ischiatica.

O primitivo florescimento está nas mãos de Phidias.

Apaziguado o Peloponeso, onde floresciam as escolas doricas em Corintho, Argos, Esparta, na Ilha Egina e na Attica, cuja capital, Athenas, abria com sympathia os braços ás raças jonicas. Phidias, atheniense pelo sangue e dorico pela educação, imprime a sua actividade e o seu talento á arte, até que Scylla se apossa de Athenas. Ao influxo das escolas philosophicas representadas por Socrates e Platão, a reflexão veio em favor da joven vencida.

A religião, a personificação das divindades e a mythologia, permittiram aos Gregos, não uma assimilação artificial,

(1) LUCIANI—Fisiologia del Uomo.

mas uma emoção real, quando defrontando Minerva e Apollo.

O espirito atheniense no V seculo figura na arte animado pela illustração de um Homero, de um Hesiodo e de outros litteratos dos cyclos heroicos.

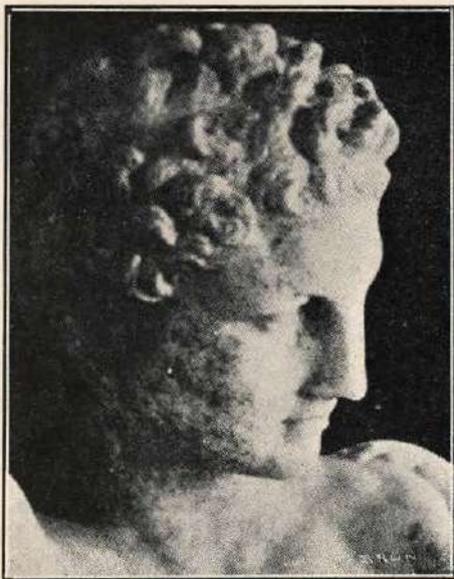
O constructor do Pireo, Hippodamos, assignala-se pelo seu alto descortino artistico, e inflinge singularmente a moda diante da sociedade atheniense, com a sua longa cabelleira.

O Jupiter Olympico, que no dizer de Epicteto, une á magestade a belleza, é a obra prima de um Phidias que ao terminal-a, evoca ao supremo Deus, responde se está contente com o artista.

A Escola de Argos tem a sua completa expressão com Polycleto, cujo Doriforo é um monumento de athleta em figura de ephebo, e cuja representação assignala o desenvolvimento do nú na arte grega.

Quando a influencia de Socrates se faz sentir na philosophia e sobretudo na psychologia, e quando Platão crea a esthetica definindo o bello, começa o segundo e supremo periodo de florescimento para a Grecia.

Defendendo os seus principios, que as bellas artes são producto de imitação, que sem a inspiração não passam da realidade, e têm suprema influencia no povo»,



Cabeça de Hermes (Praxiteles) (Fig. 3)

Platão assignalava as bases de uma sadia escola onde a Arte ia rejuvenescer á luz dos sãos problemas da sua elevada philosophia.

Praxiteles, Apelles e Lysippo são nomes que então vem unidos.

Platão era o philosopho do bello.

Praxiteles é o mestre da graça, no dizer de Henzey. (1) Descreve e esculpe a belleza com multiplas fórmas ; e no rythmo da pose, dispõe o corpo apoiado em varias attitudes. Na cabeça de Hermes, está a representação da arte meditativa, a fronte se salientando, e os olhos dentro das orbitas. (Veja Fig. 3)

«Não ha virtuose superior a Praxiteles, que com uma lyra sensivel, aos minimos impulsos do espirito, obtivesse notas mais expressivas». HENZEY (citação de LECHAT).

Sua mais celebre obra é a Aphrodite (Venus de Cnidos).

Não se pode dizer mais para realçar aquella cabeça, aquella obra seductora que transformou Cnidos em um lugar de peregrinação do mundo antigo.

Com Scopas, o gesto e o movimento são abundantes. Elle foi o precursor dos esculptores do Laocoonte, daquelles que não sabem exprimir a acção sem a vehemencia do gesto.

Na nova escola argivo sycionniana (2) apparecem Euphranor e com mais valor Lysippo, que ama as fórmas robustas.

Plinio diz, que elle conscientemente aperfeioou o canone de Polycleto arredondando as formas, produzindo uma cabeça menor, o corpo mais elegante (*graciliora siccioraque*).

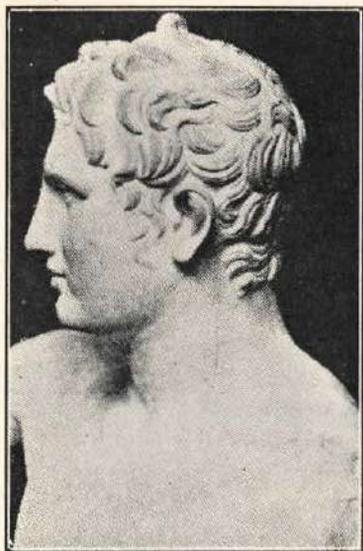
O seu Apoxyomenos é de tamanho maior que o natural; e collocado na Palestra, em uma alta columna, a cabeça, destacando-se no ambiente, diminue-se ao observador, segundo a critica de Stratz. (3). (Veja Fig. 4)

---

(1) LECHAT—Obra citada.

(2) STRATZ—Obra citada.

(3) STRATZ—Obra citada.



Cabeça de Apoxyomenos (Scopas)  
(Fig. 4)

O IV século regista o aparecimento das figurinhas de Tanagra, figuras que, na crítica de ROGER PEYRE, (1) deixavam mais que todas conhecer as atitudes e o modo de ser dos Hellenos.

O Hercules Farnesi o é ainda a expressão de um Lysippo onde ao lado de um corpo vigoroso, *a cabeça é curta.*

Na representação da mulher o artista mais inspirado, concebe-a, para o encanto dos sentidos.

Na Venus de Medicis, *Lysippo*  
na Venus Calipigia, ao

corpo ideal se ajunta um rosto ideal e irreprehenível na perfeição dos traços. Os deuses masculinos, Zeus por, exemplo têm magestosa physionomia.

Nas individualidades plasticas, em um sentido muito amplo, nos Ephebos, não ha a representação fiel, mas, a adaptação do individuo ao esquema tradicional.

De Antinöus, a maior parte das estatuas são adaptações a uma divindade; Dyonisios, Apollo, Osiris; todavia, diz DIETRICHSON, (citação de STRATZ) o Antinöus de Napoles pode ser considerado uma estatua retrato com particularidades individuaes, que se distinguem das figuras ideaes gregas: rosto afilado, bocca pequena, labio inferior carnoso, e fórmias mais proprias de um elegante do que de um luctador.

(1) ROGER PEYRE—Obra citada.

A cabeça, considerada em suas diversas proporções, deve guardar em relação á altura, a da frente, por exemplo, um meio termo. Não mui alta para harmonisar-se com os cabellos; e as ciganas, de origem arabe e egypcia, já tinham a preocupação de lhes diminuir os contornos, fazendo com que os cabellos mais a escondessem, pratica que é um dos caracteristicos da raça.

A oval da physionomia é mais harmonica, divorcia-se da circumferencia, de expressão mais apathica.

Os cabellos, devendo offerecer um contraste com a epiderme, ostentaram ondulações pronunciadas que lhes augmentaram os sulcos; e, no seu arranjo, mostraram-se: soltos e fluctuantes sobre as espaduas; aqui tomaram um rude e tosco aspecto, lembrando o pello dos animaes, como nos Faunos e Satyros; ali, curtos, como em Mercurio; acolá, separados na frente, como na Venus de Milo ou trançados como nas figuras de Tanagra.

E a physionomia e a sua expressão?!! «A dôr de mãe pagã é toda contida no seu interior». (1)

Nos ornamentos funerarios ha a expressão da placidez sem os gestos do desespero, e uma leve inclinação da cabeça.

Os olhos nas cabeças nobres de Jupiter, Apollo e Minerva, conservam um ar sereno.

E os olhos na expressão do riso e do sorriso offerecem um vasto campo especulativo. DUCHENNE (2) é o campeão mais invejavel nos estudos da Mimica, e a proposito affirma: «que o Grande Zygomatico é o musculo do riso, e em expressões associadas, o orbicular inferior das palpebras», cuja electrisação separada é difficilimo, como eu proprio pude observar em experiencias a que procedi com o Professor BENJAMIN BAPTISTA.

---

(1) REINACH — Obra citada.

(2) DUCHENNE — Mechanisme de la physionomie humaine.

TAINÉ (1) e SANTE DE SANCTIS (2) contestam o mestre neste particular.

«La disposizione d'elle rughe permanenti n'ella faccia d'elle persone adulte parrebe offerire, una contraprova alla teoria di DUCHENNE. In una bambina que rida, agiscono anzi non solo, il gran zygomatico, il risorio del Santorini, ma quasi tutti i muscoli d'ella testa. (3)

LABRUYERE dizia:

«Ore, vultu, voce denique ipso toto corpore ridetur.»

Na Grecia, a belleza humana não se compromettia com a accentuação, na physionomia, de traços avillantes. Para representar o sensualismo, a bebedeira e a lubricidade, a arte ia procurar os faunos, os tritões, as sereias e os dyonisos (Bacho grego).

Tratando da esculptura, CHARLES BLANC, no seu valeroso livro, (4) assim se exprime: «Ao delinear a sua pantomima, o artista ha de obedecer aos requisitos dos costumes, das idéas, do clima, do genio e á consideração de cada paiz.»

De facto, pois o gesto tem raizes no coração humano.

O gesto, muita vez, é uma manifestação exterior de um echo enfraquecido, um pallido symbolo do que agita a imaginação.

Tambem os olhos, janellas do sentimento, dão ás vezes, como o gesto e como a palavra, expressões; mas que só por analogia se pódem admittir.

Talvez que os principios da associação dos habitos uteis e da antithese, que DARWIN (5) apregoa, aqui encon-

---

(1) TAINÉ — Philosophie de L'art.

(2) SANTE DE SANCTIS — La mimica del pensiero.

(3) SANTE DE SANCTIS — Obra citada.

(4) CHARLES BLANC — Obra citada.

(5) DARWIN — L'expression des emotions.

trem plena justificativa. Dizemos talvez, porque em doutrinas, tememos abraçar opiniões extremas.

A evolução do gesto parece como que acompanha na sua expressão fallada, a direcção dos paralelos terrestres, diminuindo a gesticulação nos povos do Norte e augmentando nos que se avisinham do Mediterraneo.

Polichinello é o gesticulador italiano, e não se comprehende um MARC TWAIN gesticulando.

ROUSSEAU declamando, move-se. Appellando para a memoria, o homem franze os supercilios.

Em todas as iniciativas humanas, seja no trabalho reflectido como no inconsciente, ha a tendencia para a harmonia. Mais que na sciencia, na arte, a força creadora é inconsciente, mas se revela por um vivo desejo de harmonia em todas as suas marchas e contra-marchas.

A evolução social precipitára na Grecia a appareição de dois elementos: a consciencia da superioridade, e o homem de genio.

Nós, diz COLLAJANI, (1) revivemos com orgulho os gregos e os latinos, mas quem prediria a decadencia do *civis romanus*, do contemporaneo de Augusto? «Le carmen seculaire d'Horace est une preuve classique de la foi des Romains dans leur force et de la conscience qu'ils en avaient».

E' necessario o concurso de factores, de um reactivo que precipite a evolução progressiva. Os philosophos não se cançam em impor leis ao genio. Talvez a razão esteja com SALVEMINI quando pronuncia, «que o homem de genio por seus actos não se assemelha a ninguem.» Estes actos augmentam, á proporção que augmenta a sua intelligencia e energia pessoal, eis porque elle não representa sua epocha. O homem de genio é o individuo mais pessoal, em quem

---

(1) COLLAJANI — Latins et Anglo-saxons.

os sentimentos trabalham com uma intensidade maxima, seja na grandeza de um MIGUEL ANGELO, seja na serenidade decorativa de um RAPHAEL, seja nas aristocracias de um LEONARDO DA VINCI.

FINOT (1) é o parlamentar mais exaltado e a um tempo mais lucido, combatendo regras arbitrarías, ideas de convenção: é, por principio, anti-doutrinario; e, em arte, inspiração e convenção, não coexistem

Na *cabeça*, onde a criação estampou a physionomia, o principio natural do divorcio da arte e das convenções, encontra força e logica: a physionomia expressando a palavra sem palavras, o echo das suas impressões sem seguir á risca as leis physiologicas.

Nesta physionomia Deus não reside; diz Maria Stuart sem dizer, quando se vê em frente á rainha Elisabeth, de cujos sentimentos ella nada esperava.

«Nach der grieschischen Sage, erstarrt des Menschen Blut beim Anblick des starren Medusenantlitzes zu stein.

Es ist der Geist, der sich den Körper baut. (SCHILLER).»

ARISTOTELES é cheio de imaginação, quando pela qualidade dos cabellos que orná a cabeça humana, quer significar-lhe o character e os dons do espirito: «Timido e medroso, é o portador de cabellos mui finos á semelhança da lebre e do veado; emquanto o leão, emblema da força, tem pellos asperos.»

Em um estudo devéras attrahente, qual o que faz GIOVANNI, (2) referindo-se á influencia do culto no capitulo l'opera d'arte, deixa ver esta passagem, assás suggestiva: «Cosi l'arte egizia, che non ha saputo o potuto svincolarsi dal culto, é un'arte fossile, muta e sibilina come le sue sfingi colossale e immobile come le sue piramide; mentre la greca, uscita già da una religione che é tutta um poema d'umanesimo, se

(1) FINOT — Obra citada.

(2) GIOVANNI — L'Arte n'ella Folla.

ne libera prestamento, si innalza n'ell'epica e nella lirica corale chi innegia agli, dei fonti perenn di lotizia umana, si afonde n'ella gloria dei sentimenti vitali che bevono alle pure sorgenti d'ella patria, d'ella belleza, d'ella gioia ; balsa fiori danzando e inebriandosi di profumi dal ditirambo bacchico, vitale, possente, umana distruggitrice d'ogni néblia, d'ogni misticismo, d'ogni paura misteriosa ed occulta.»

Ao dominio da Igreja na edade média, e ao seu papel de arbitro em todas as manifestações da vida, deve a arte a representação da figura humana, defendendo a expressão da mortificação do corpo e da alma.

A pintura sobre parede, que nos primeiros annos do christianismo foi a arte por excellencia, se vem substituindo nas igrejas medievas pela esculptura, muitas vezes pornographica, no capitel, nas columnas, nas frisas e nas figuras hieraticas quer em pé quer deitadas.

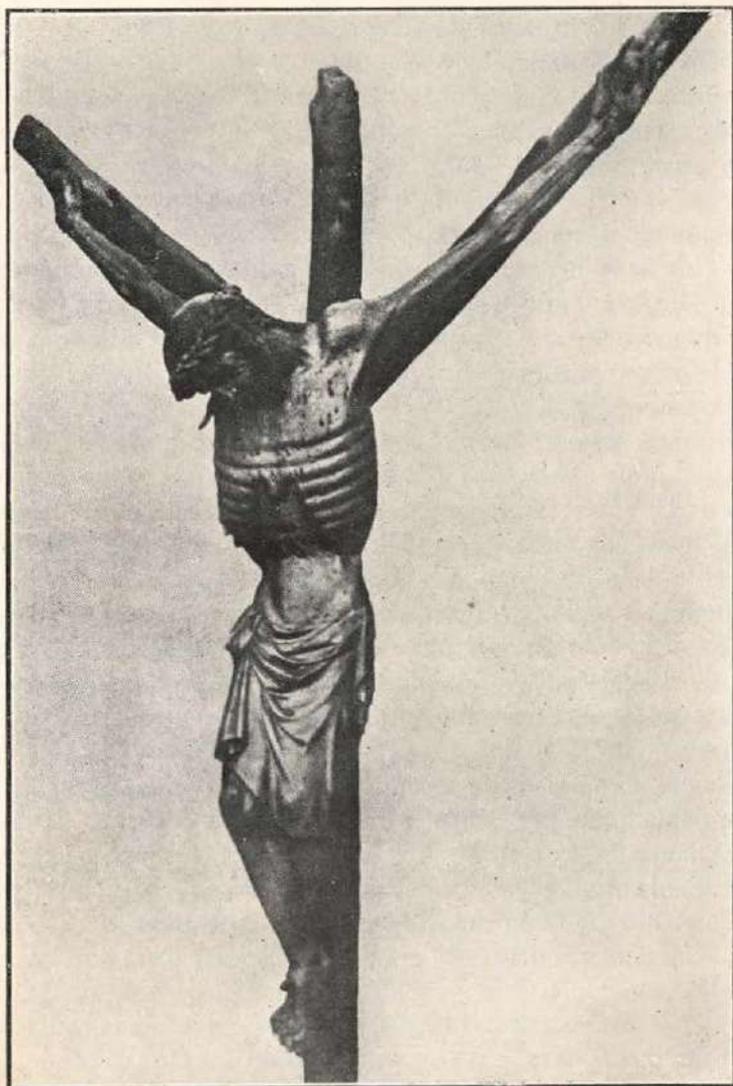
A representação do Christo nú, condensa toda a expressão e todo o modo de ser da epocha, que destroe a norma inviolavel até então subsistente, de dissimular a nudez e o martyrio do corpo, á sombra das roupagens. O Salvador na cruz deixa perceber então, a falta da anatomia ; uma cabeça demasiado grande, e um tronco delgado, como se observa no Christo da collecção SCHNUTGEN em Colonha.

«Para melhor comparar a evolução da arte antiga e moderna observem-se o Christo primitivo e o Apollo de Tenéa. Aqui, o rosto é rigido e assenta em um corpo flexivel e natural ; ali, a uma mimica profundamente psychica, se adiciona um corpo rudimentar.» (STRATZ) (1)

No Christo de S. Severino, em Colonha, já a physiologia é melhor interpretada ; a cabeça, com a sua inclinação á direita, traduz a expressão sublime do soffrimento e do exgottamento das forças phisicas.

---

(1) Stratz — obra citada.



O Christo de S. Severino (Colonha) (Fig. 5)

Ao Christo, succede a representação da figura de Adão e Eva, em Bamberg, em Wurzburg, em os quaes o rigor do realismo deixa enxergar defeitos e perfeições. A arte medieual emancipára-se da «frontalidade», e a prova encontra-se na cabeça do «Salvador», que inclinada, tem, ao rosto, uma expressão altamente vivificada, mas onde se reconhece a escassez da plastica no torso.

O Renascimento, unindo as altas idéas moraes ao amor da natureza, concebe com MIGUEL ANGELO e RAPHAEL, as mais celebres obras primas. Os periodos em que se o divide abrangem mais ou menos, NICOLA DE PISA, GIOTTO, MASACCIO, DONATELLO, BRUNELLESICO, LEONARDO DA VINCI, MIGUEL ANGELO, RAPHAEL, etc. Segue-se um outro de decadencia, que abala toda a Europa, e no XVII seculo um novo Renascimento: os CARRACAS e a escola bolonhesa.

Na Italia, mais que em França e na Flandres, o Renascimento deparou condições mais favoraveis ao seu porvir; e Florença assignalava então, como alto movimento social, o apparecimento de uma obra darte. Quando surge GIOTTO, já os Franciscanos e Dominicanos se achavam resolvidos a quebrar os elos do velho formalismo e a empregar as artes como meio de ensino e de moralisação christã.

Na expressão de LAFENESTRE, «a imaginação italiana foi sabiamente preparada para esta dupla evolução, a que deviam attingir após longos esforços, composições tão sabiamente meditadas e poeticamente expressivas.»

A liberdade do espirito e a variedade na producção artistica, são productos do estado politico da Italia do XV seculo.

Na opinião de BURCKHARDT (1) as tyrannias multiplicaram as capitaes, e foram um fecundo emulo ao dominio artistico.

---

(1) BURCKHARDT — La civilisation en Italie au temps de la Renaissance.

«Au milieu de cette cour où l'esprit passait avant la naissance le mécénat devint un moyen de gouvernement.» (CROZALS) (1)

Os Medicis patrocinaram as letras e os artistas, e sob a égide de LOURENÇO MAGNIFICO fizeram evoluir as artes plasticas.

A inspiração de um DANTE e de um PETRARCHA se faz sentir sobre GIOTTO, e vae até um MIGUEL ANGELO, ao impulso da sua força viva, pondo em relevo a semelhança entre uma Italia do Renascimento e uma Grecia de Pericles.

No seculo seguinte, Ghiberti, com 22 annos unicamente, vae executar as portas do Baptisterio de Florença, onde a riqueza de imaginação e o talento na composição e na execução, marcam uma ephemeride no progresso das artes.

MIGUEL ANGELO asseverava que os seus melhores mestres haviam sido as collecções dos Medicis.

Tomando por base o cadaver, reproduziu o mechnismo anatomico das partes profundas, e com o modelo vivo, e a contemplação do antigo, constituiu a sua synthese, de um absoluto rigorismo. Os limites extremos e os mais exquisitos contrastes na flexão, occuparam a sua intelligente observação.

Já LEONARDO DA VINCI estuda em seu trabalho (2), exgotando-o, todo o capitulo-o do movimento, paragrapho que no dizer mui perspicaz do illustre professor DEMENY, não é de molde a agradar espiritos mediocres. (3).

Começava MIGUEL ANGELO a modelar a sua figura pelo torso, e, a proposito, vale ouvir a transcripção, que de STRATZ fazemos na integra. (4).

(1) CROZALS—Historie de la Civilisation.

(2) LEONARDO DA VINCI—Trattato de la pintura.

(3) DEMENY—Les Mouvements.

(4) STRATZ—Obra citada.

«Las obras de MIGUEL ANGELO demuestran que en el torso, hasta sin cabeza y sin miembros, hay infinitamente más expresión de lo que la gente se inclina á admitir; son ejemplos traducidos en hechos de una doctrina de la fisionomía del torso, que teóricamente está todavía por resolver.»

O illustrado Professor MORALES DE LOS RIOS, pensa desta maneira e dá como exemplo o moderno RODIN.

«As 4 horas do dia, na capella dos Medicis, em Florença, attestam a sua grande potencia artistica. Aos contrastes se adicciona com rigorosa applicação o contrario, e naquelle recinto, a Noite, com a cabeça inclinada, está envolta em sombra, a Tarde, dobra-a ao peso do cansaço; a Aurora, ergue-a solemne ante o Dia que desponta, e cuja cabeça se volve energica em face da luz.

O ponto culminante da plastica foi, durante mais de tres seculos, a obra d'este artista.



Cabeça de David (de Miguel Angelo). (Fig. 6)

A cabeça colossal de David, é uma obra prima de anatomia, na opinião do erudito Sr. Reinach. Revela o genio amadurecido e é superior á critica.

A cabeça de Moysés é a mais serena que conhece a arte, de uma fixidez e uma rigidez mais plastica, e certo não ha observador que ao contemplal-a, não colha a impressão, que o guia de Israel vae dignar-se fallar-lhe.

O Renascimento italiano vasou sem duvida a arte scientifica. Fallando a artistas, convem declarar que estou certo de que a Anthropologia, a Anatomia e a Physiologia não lhes asseguram por si sós, completo exito, se lhes faltar a technica e a penetração de espirito, na execução da sua obra.

A observação constante do modelo, o estudo dos segmentos diante de peças anatomicas, hão de desvendar-lhes a incognita que se esconde debaixo da pelle, e sem cujo conhecimento nunca lhes será possível abordar o paragrapho do Movimento, com plena e absoluta lucidez de espirito.

A mim, innumeradas opiniões se hão de oppor; todavia, manterme-ei impassivel na logica das minhas convicções.

RICHER, (1) LANGER (2) asseveram que, naquelle tempo, o cultivo da Anatomia Artistica não se detinha á superficie. CUYER (3) é das nossas hostes; LEONARDO DA VINCI é o sabio e artista notorio, e a TICIANO se attribuem os debuxos



Moysés (Miguel Angelo)  
(Fig. 7).

(1) RICHER—Introduction á l'etude de la figure humaine.

(2) LANGER—Anatomie der äusseren Formen.

(3) CUYER—Anatomie plastique.

da grande obra anatomica de VESALO, «De corporis humani fabrica.»

«Se Miguel Angelo dá ao corpo humano masculino a expressão muscular de cada uma das partes que o compõem, no justo equilibrio das mesmas, PALMA e TICIANO dão ao corpo feminino a gracilidade e morbidez que são peculiares a este.

RAPHAEL, TICIANO e CORREGGIO exercem a influencia dos respectivos temperamentos artisticos sobre os largos horizontes do futuro das artes.

O primeiro, fazendo renascer o classicismo antigo na tranquillidade parthenopeana das figuras e das linhas; o segundo acenando para os annos do barrôco architectonico através do escorso das figuras que elle pinta; e o terceiro, imitando lhe o gesto, em relação ás fórmãs contorsionadas do longinquo roccóco das Pompadour, pelo caminho do excesso atormentado das expressões pictoricas dos corpos que se movem nas telas delle.

«Se existe um conjuncto pictorico em que todas essas particularidades do barrôco architectonico se fundem com a graça da figura feminina, é o quadro, com razão celebrado, de FORTUNY intitulado, «A escolha do modelo».

Entre a disputa do Santo Sacramento e a Escola de Athenas, cujo assumpto, RAPHAEL, com temor, aborda pela primeira vez, ha uma transição absoluta. Dahi elle se enco-rra para outros assumptos, concentra todos os estímulos de MIGUEL ANGELO, cuja presença em Roma, o animava e conserva esta fortuna e este renome, que Mme. de STAEL traduz, dizendo-o «pintor do Evangelho, enquanto MIGUEL ANGELO é o pintor da Biblia.

STRATZ (1) diz que o artista preferia a postura do modelo á anatomia e de facto, as suas figuras anatomicas, presas á verdade, não traduzem detalhes. No seu S. João de

---

(1) STRATZ —Die Schönheit—des Weiblichen Körper.

Florença ha boa plastica, expressão sincera na physionomia, mas falta de anatomia em certos pontos.

LEONARDO DA VINCI é, como elle proprio a si se chama, «el pittore anatomico».

A sua Gioconda é a inimitavel obra prima da arte do retrato, o maior esforço do auctor rivalisando com a natureza, animada pelo espirito.

Na Leda com o cysne, cujo original parece foi queimado, o rosto é em fórma oval até quasi acabar em ponta, com sorriso nos labios, parece mostrar certos signaes com a familia da Mona Lisa.

Na expressão pelo gesto, conciliando-o com a belleza do movimento e a dignidade do estylo, ninguem lhe excedeu.

«Il fallait repeter onze fois toutes les variantes du sentiment que dut éveiller parmi les apôtres cette parole du Christ :

«Un de vous va me trahir.»

Já no seu «Tratado de Pintura» elle recommenda a imitação dos mudos na sua pantomima (li moti de mutoli) sem comtudo ir com elles, ás vezes, ao excesso no gesto.

A representação da figura humana, ao tempo do Renascimento apura as fórmas do corpo e reproduz com fidelidade o rosto.

A influencia, nos ultimos annos do seculo xvi exercida pelo concilio de Trento desperta na Italia um novo movimento em favor da arte e da litteratura.

Tasso é expoente desta cruzada, reflectindo o seu pensar e as suas idéas nos artistas de então ; no rôl dos quaes, os Carracas, fundadores do eclectismo, melhor que ninguem synthetisam todo o movimento social.

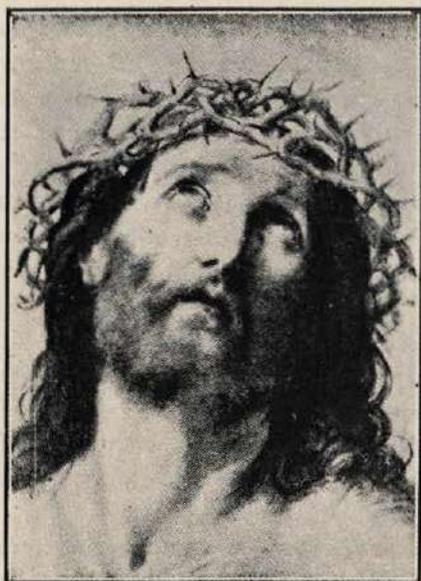
«Ha na Arte uma mistura de sensualismo e de de devoção» ; (1) mas o sentimento artistico por si não tem exis-

(1) REINACH—Apollo—(Obra citada).

tência própria, em uma epocha em que ha quem se proponha a destruir o «Julgamento Ultimo» de um MIGUEL ANGELO.

Os Carracas restauram o modelo vivo, fazem cursos de perspectiva, de Anatomia e formam uma pleiade de discipulos, um GUIDO RENNI que creou um typo de Christo, correspondendo ao ideal religioso da sua epocha.

RUBENS pelos seus grandes conhecimentos anatomicos apparenta um MIGUEL ANGELO.



Cabeça do Christo (de Guido Reni)

(Fig. 8)

Em RUBENS a gordura do corpo é o caracteristico. Elle pinta aquellas côres vivas, aquelles olhos azues, o typo dos povos septentrionaes, de que sua segunda esposa, Elena Fourmént, é a representante.

«As fórma flaccidas das mulheres de RUBENS, e a anatomia forte de um MIGUEL ANGELO, originaram a abundancia de relevos dos imitadores da decadencia, até ás adiposidades infantis de BOUCHER e ás barrigu-

das fórmas architectonicas do barroco.» (MORALES DE LOS RIOS).

No seu «Christo na Cruz» é de uma sinceridade absoluta, o moribundo com o brilho dos olhos a esvaecer-se, com a cabeça sem vigor, vencidos os musculos cervicaes que lhe asseguravam a tensão.

Elle se aproxima de VELASQUEZ, o pintor da realidade.

VAN DYCK, seu discipulo, soffreu as influencias do meio, onde as contingencias o conduziram.

O seu Christo, comparado ao de RUBENS, tem anatomia; mas a expressão physiologica da dôr, está no thorax, erguido por profunda inspiração, enquanto no seu rosto ha uma tensão moderada da musculatura, indicios de uma morte proxima.

REMBRANDT é o principe da pintura hollandeza.

Elle é o mestre na representação do gesto, de um naturalismo desmedido, na opinião de CHARLES BLANC.

«Foi além da sua nação e do seu seculo e só um SHAKSPEARE, com tão prodigiosa lucidez, enxergou aquillo que RUBENS vira, com a extrema sensibilidade dos seus órgãos. (1).

A escola hespanhola offerece, de accordo com a apreciação dos diversos auctores, as mais flagrantes contradições.

Pontifica ROGER PEYRE: «Mistura singular de uma exaltação mystica e de um realismo brutal;» mas, se consultarmos a realidade, desde MORALÉS (o divino) até MURILLO, este asserto não encontra nella apoio que o justifique. (2)

Se mystica ao seculo XVII, deve-o á influencia das idéas do tempo em luctas de crenças antagonicas:

A raça hespanhola, hontem como hoje, dá uma impressão de magnificencia, quanto á expressão e á forma artistica.

VELASQUEZ (1599 a 1660) passou pela escola de pintura de Sevilha e seguiu o melhor dos methodos: «procurou inventar a arte antes de a conhecer em seus modelos; sentiu a necessidade de dizer algo, antes de saber como exprimir-se; teve o pleno conhecimento das difficuldades e dos dados antes de procurar solução para elles». (3)

---

(1) TAINE—Philosophie de l'art.

(2) ROGER PEYRE.—Obra citada.

(3) ROUAIX—Histoire' des Beaux Artes. (Art Moderne Art Contemporain.

Deste systema de educação resultou um espirito, que não tendia nem ao mystico nem ao religioso, mas interprete sincero do real, sem exagero na côr e muita harmonia.

Sensualista, só o conheço no quadro «Los Borrachos» (Morales de los Rios).

Preso a representar scenas e typos populares «Los Borrachos», é uma parodia de bachanal. VELASQUEZ teve a primazia na execução pictorica da belleza masculina pondo em evidencia a força, ou a elegancia — no retrato.

No retrato, elle se vence a si proprio, v. g. no de OLIVARÉS, no de Philippe IV e no da infanta Maria Margarida, com seu nó rosa aos cabellos e que se vê no Louvre.

O seu «Christo na cruz» é de uma anatomia sem falhas, feições do typo hespanhol que tem com o Christo sangue mouro ou semítico.

MURILLO é o pintor da graça executando as cabeças infantis. Foi o RAPHAEL hespanhol.

Criticando-o, diz Charles Blanc: «tem qualidades incomparaveis, e representando Jesus, ningnem melhor associou á innocencia infantil a presciencia divina.»

VELASQUEZ o acolhera, e lhe permittira estudar RUBENS, VAN DYCK E RAPHAEL.

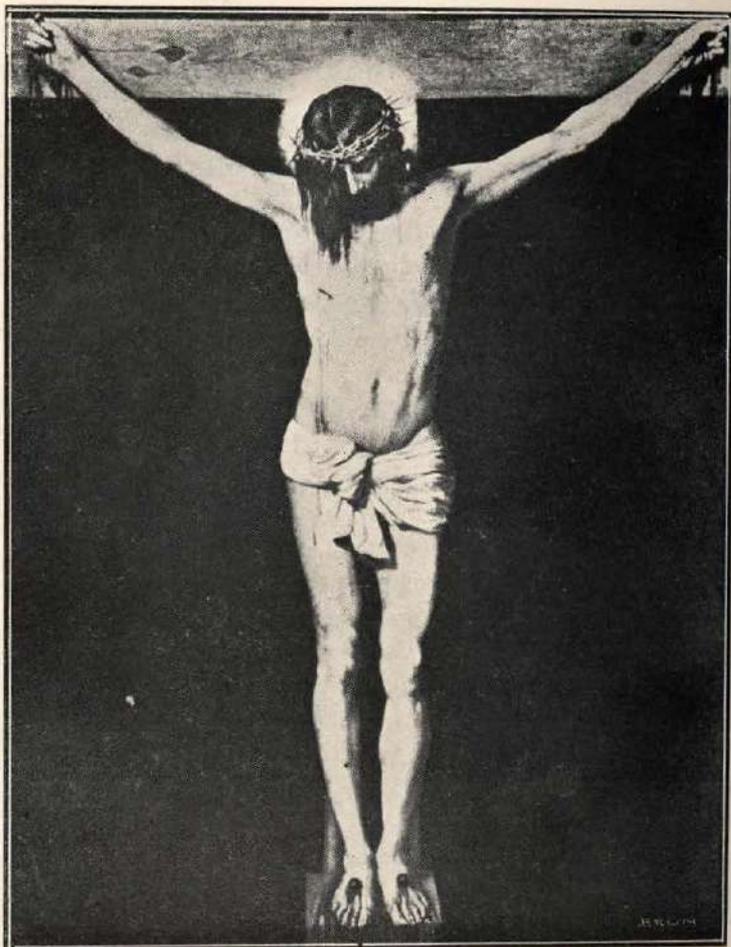
A cabeça, finamente modelada, ornada de cabellos escuros, olhos grandes, — regenerando o naturalismo — opera-se pela mão de Goya, seja em «La maja vestida» ou em «La maja desnuda».

ZURBARAN, por seu realismo violento, «é o Caravajjo hespanhol (1).

Na apreciação do Professor MORALES DE LOS RIOS porém, «elle é o unico pintor do tormento physico» e o unico que se especializou em traduzir as physionomias transfiguradas pela promessa da gloria eterna e divina».

---

(1) ROUAIX—Obra citada.



O Christo (de Velasques) (Madrid) (Fig. 9)

RIBERA «o hespanholetto» é o chefe da expressão na representação dos efeitos do horror, dos supplicios.

Seus quadros traduzem a violencia do character; discipulo da Escola de Valença, elle honrou o meio e a terra que lhe deu a luz.

«Morto Luiz XIV, a França respirara» (1). O fim do seu reino e a Regencia são o período da transicção, precedendo aquelle em que vae triumphar o estylo Luiz XV. WATTEAU resume um nome nas artes. A arte refina-se. «Il est de bon ton pour un homme d'argent d'être un Mecene» (2).

Na segunda epocha, apparece BOUCHER, o primeiro pintor do rei, para o qual DIDEROT é assás impiedoso na apreciação «On ne vit en BOUCHER qu'un peintre des marionnetes».

O XVIII seculo cultiva com fervor o retrato, e no Salon, em 1757, figura o que elle executara da mme. Pompadour. MAURICE FANTIN LATOUR é assinalado como pastellista e como o mais notavel retratista do seculo.

DIDEROT opina, «que suas obras são a propria natureza com todas as suas incorrecções».

LATOUR fixou as mais bellas, as mais encantadoras e as mais espirituosas physionomias.

As damas do seculo XVIII, faziam-se pintar como Dianas, como Venus e como divindades do Olympo.

«Pendant que les Venus, les Dianes et les divinités de l'Olympe sur les tableaux mythologiques n'étaient, par les types, les attitudes, rien autre chose que des dames du XVIII siècle, les dames do XVIII siècle, se faisaient peindre en Venus, en Diane et en divinités de l'Olympe (3).

A explicação do facto, talvez se vá encontrar mais longe, ao tempo do Rei-Sol, onde principes não achavam difficuldades em dançar peças de MOLIÉRE com o costume e os attributos dos personagens mythologicos.

A Pompadour exerce no tempo, em todos os ramos da actividade social e artistica, subido papel. A amante de

---

(1) REINACH Apollo—Obra citada.

(2) ROGER PEYRE—Obra citada.

(3) ROUAIX—Obra citada.

Luiz XV, Jeanne Antoinette Poisson, fez a moda do tempo nos diversos ramos artisticos, e o genero Pompadour inspirou a arte, que se traduziu nas pinturas de BOUCHER, no vestuario, no empoado do cabello, na cor preta das sobran-celhas etc.

Chegamos ao XIX seculo. «A joven republica franceza aprende as doutrinas da republica romana e imita as suas fórmas de expressão na arte e na vida. Em França, como em Roma, da Republica sahe o Imperio, no qual o moderno corpo francez adapta-se ás antigas formulas» (4). Sob a revolução e o Imperio, a arte se faz moralisadora e educadora.

Desde a construcção salvaram-se os dons da sobriedade, da severidade e da força.» O monumento foi heroico» (5).

A dama do Imperio encontra em David a mais feliz representação, no retrato de Mme. Recamier, no qual as linhas do corpo esbelto e harmonicamente conformado, enxergam-se sob ~~este~~ vaporoso vestido.

REGNAULT é um realista; ama a allegoria, no pensar de PEYRE. Representou um novo progresso na evolução do estylo Imperio, e era um conhecedor da anatomia, como se observa no seu grupo «As tres graças».

CANOVA, na estatuaria, rivalisa com David. O escultor italiano traduz-se de dois modos: ou procurando a força de violencia ficticia, ou, quando elle é mais pessoal, representando a graça feminina,—chefe da graça—como era appellidado, emulo dos Gregos, no pensar de STRATZ, e PRAXITELLES edulcorado, na sancção de REINACH.

As tres lindas cabeças inclinadas representando «As Tres graças», tem sublime expressão, languido olhar e correcção anatomica. (Veja Fig. 10)

---

(4) STRATZ—Obra citada. La figura humana en el arte.

(5) ROUAIX—Obra citada.



As 3 Graças, Canova (Ermitage Petrogrado). (Fig. 10)

PRUD'HON, INGRES, GERICAULT, DELACROIX, etc., traduzem, no nacionalismo francez, a influencia dos mestres antigos.

BOUGUEREAU inspira-se em RAPHAEL e produz «O Nascimento de Venus» e o «Job», antitheses anatomicas e expressivas uma da outra. No «Nascimento de Venus» ás fórmulas graciosas associa-se uma cabeça ornada de linda cabelleira;



O Nascimento de Venus, Bougueraux (Paris) (Fig. 11)



A Verdade Lefebvre (Luxemburgo Paris) (Fig. 12)

uma expressão phy-  
sionomica de pudor,  
o momento determi-  
nando em cada cir-  
cumstante uma im-  
pressão individual.

LEFEBVRE na «A  
Verdade» guarda as  
regras do contraposto  
e os rasgos indivi-  
duaes do paiz; feições  
com olhos grandes,  
altas palpebras, nariz  
pronunciado, sulco de  
desdem aos labios, etc.

A arte allemã no  
seculo XVI é repre-  
sentada pela persona-  
lidade de um DÜRER,  
tido na Italia como de  
valor extraordinario  
entre seus contempo-  
raneos. Elle com MAN-  
TEGNA, são os creado-  
res da gravura moder-  
na; e na pintura, diz  
THAÜSER (1) que não  
bastava o modelo vivo  
— assim estava elle  
convicto—mas, a ob-  
servação da natureza,  
com as suas leis de  
proporções.

(1) THAÜSER—Düres.

O seu Chrito na cruz deixa perceber (THAÜSER), a influencia italiana, ha na physionomia uma mistura de soffrimento moral e physico, palpebras caidas denotando cansaço; elle foi representado com uma intenção de transformar o soffrimento physico em belleza, o corpo quasi sem distensão muscular, e antes parecendo fluctuar na cruz.

No seculo das luzes, um KANT vem com a sua philosophia abalar as almas.

A unidade da lingua, dá o sentimento da unidade nacional, a unidade intellectual prepara a unidade politica. DÜRER, no fundo, exerce diminuta influencia no movimento que quer reformar e crear a gloria artistica da Allemanha, nascendo então sob a fórma catholica.

«E' em Roma e nas lojas de RAPHAEL e perante as esculpturas do Vaticano que se formam os pintores mais originaes da Allemanha». (1)

Todavia, quando OVERBECK, estudando a expressão do sentimento religioso, se apaixonou por artistas anteriores a LEONARDO DA VINCI e a RAPHAEL, GÖTTE alarma-se, temendo que elle se lançasse n'uma affectação de simplicidade e de archaismo, ella que dizia:— «que se puzesse na sua frente o Jupiter Olympico, melhora-o-ia», — não podia sacrificar a belleza das fórmas.

A escola allemã dos novos dias parece, na esculptura, influenciada pela tradicção classica. EBERLEIN é conhecedor da anatomia e do modelo; HILDEBRAND é o que na figura masculina apresenta maior naturalidade.

Berlin Munich, e Dusseldorf têm nomes respeitaveis no correr do seculo XIX e que dariam margem a uma serie de considerações, para a nossa memoria, que ganharia uma extensão fóra dos fins a que foi delineada.

Na pintura moderna BÖCKLIN e SLEVOGT representam, nas ultimas decadas a tendencia individual.

---

(1) ROGER PEYRE—Obra citada.

BÖCKLIN é autor de grande numero de figuras que correspondem a livre fantasia, como é o interprete da figura humana, com sobriedade e clareza.

Hoje, na plastica moderna, RODIN occupa a culminancia da sua evolução.

O corpo humano em movimento, a postura, o gesto, a collocação da cabeça etc., fornecem um inexgotavel capitulo em favor da sua personalidade artistica, apoiada através estes ultimos annos.

No Brasil as artes plasticas abrangem dois grandes aspectos geraes: o prehistorico ou oriental, e o historico ou occidental. (1).

E' altamente injusto que se nos accuse falhos de uma arte nacional, reconhecendo sem duvida aqui como alhures, a acção benefica dos nossos proceres.

O Aleijadinho e o Mestre Valentim cujo busto, deve os seus traços physionomicos extrahidos por LUCILIO DE ALBUQUERQUE de um painel da igreja do Parto, são no XVIII seculo entre nós, os artistas de realce.

A igreja e o Mosteiro de S. Bento foram o berço da pintura a oleo no Rio de Janeiro, pela mão do frade Ricardo Pilar em que elle executa a figura de Christo, inspirando-se (ARAUJO VIANNA) (2) em Fra Angelico.

De D. João VI, «o rex-fidelissim~~is~~ artium amantissimus» como neste districto da vida nacional se o cognomina, não é nunca demasiado rememorar-lhe o que lhe devemos neste particular.

A missão franceza de 1816 — 12 de Agosto — missão DEBRET, TAUNAY e GRANDJEAN DE MONTIGNY assegura o periodo da arte neo-classica.

(1) ARAUJO VIANNA—Artes plasticas no Brasil. Curso no Instituto Historico.

(2) Idem.

Se deploramos que um NICOLAU VERGUEIRO não fosse favorável á oportunidade do ensino artistico, agradecemos a CHICHORRO DA GAMA o ter elevado o ensino da Anatomia, «opinando, que conviria ser simultaneo com o do Desenho figurado e de modelo vivo» (1).

ZEFERINO DA COSTA além de artista emerito, produziu um trabalho de alto interesse para a cadeira ora em concurso e para a de Desenho de Modelo Vivo (2). A cabeça de S. João Baptista, Moysés recebendo as taboas da lei, e o Obulo da Viuva, offerecem margem a cogitações bastante lisongeiras á sua personalidade.

De VICTOR MEIRELLES DE LIMA, ha na nossa galeria, uma Cabeça com bastante expressão, a de um velho apoiado a um baculo. «Elle reflectiu em toda a sua obra opulentissima a maneira do tempo em que viveu» (3).

«Jugurtha no carcere», de AUGUSTO MÜLLER e algo academica com grande expressão de soffrimento «e um bom effeito de claro escuro, na critica de MODESTO BROCOS.

Na «Batalha de Avahy» a maior composição em pintura de cavallette, ao lado da de GUARARAPES, ha muito onde possamos estudar, o movimento e a expressão nas innumerables cabeças.

No «Despertar de Icaro» «que maravilhado vê o homem realizar o seu sonho», auctoria de LUCILIO DE ALBUQUERQUE, temos a expressão ao serviço de um facto modernissimo, como na «Glorificação de Anchieta» do mesmo professor, ha um bom sentimento.

AMOEDO é um infatigavel e diligente trabalhador. Ha para o nosso particular, uma cabeça italiana com riquissima expressão no olhar.

(1) ARAUJO VIAANA—Obra citada.

(2) ZEFERINO DA COSTA—Tratado pratico das Regras de proporções e mechanismo dos movimentos do corpo humano em ámbos os sexos.

(3) ARAUJO VIANNA—Obra citada.

A *narração de Philetas* e o *Ultimo Tamoyo*, da sua lavra, tem a perfeita expressão da morte, e a representação da decomposição no meio hydrico, como o relachamento dos musculos inferiores da physionomia.

Na tela de MODESTO BROCOS «Negra, Mulata e Branco» ha a cogitar, a perfeita expressão beatica, da velha, que dá graças a Deus por ser a descendencia purificar-se do peccado. Elle contempla em um tom agradável a sua obra, enquanto que a mãe procura despertar a attenção do filho para a anciã.

De RICHTER, possui a nossa galeria, no genero retrato, o de Mme. Aritoff, obra perfeita, como o de «Porto Seguro» por MADRAÇO, e o de Pedro II, por DECIO VILLARES, etc.

No Baile em Mascara, de CHAMBELAND, ha muita luz e muito movimento e de HENRI MARTIN ha a «Virgem e o Menino», que particularmente nos interessa.

BERNARDELLI, com o seu «Christo e a adultera» fornece-nos margem a observações; no gesto, na physionomia do Salvador, cuja philosophia sempre mirou a redempção das almas, e d'aquella que esconde aos olhos do mundo, o passo tão mal ensaiado.

A JOÃO MAXIMIANO MAFRA devemos o desenho da esttua equestre de D. Pedro I, auctoria de ROCHET, mas sacrificada no dizer dos criticos, a idéa original do nosso patricio desde a physionomia até á expressão dos membros superiores. «Comtudo é o melhor monumento civil de Esculptura no Brazil». (1)

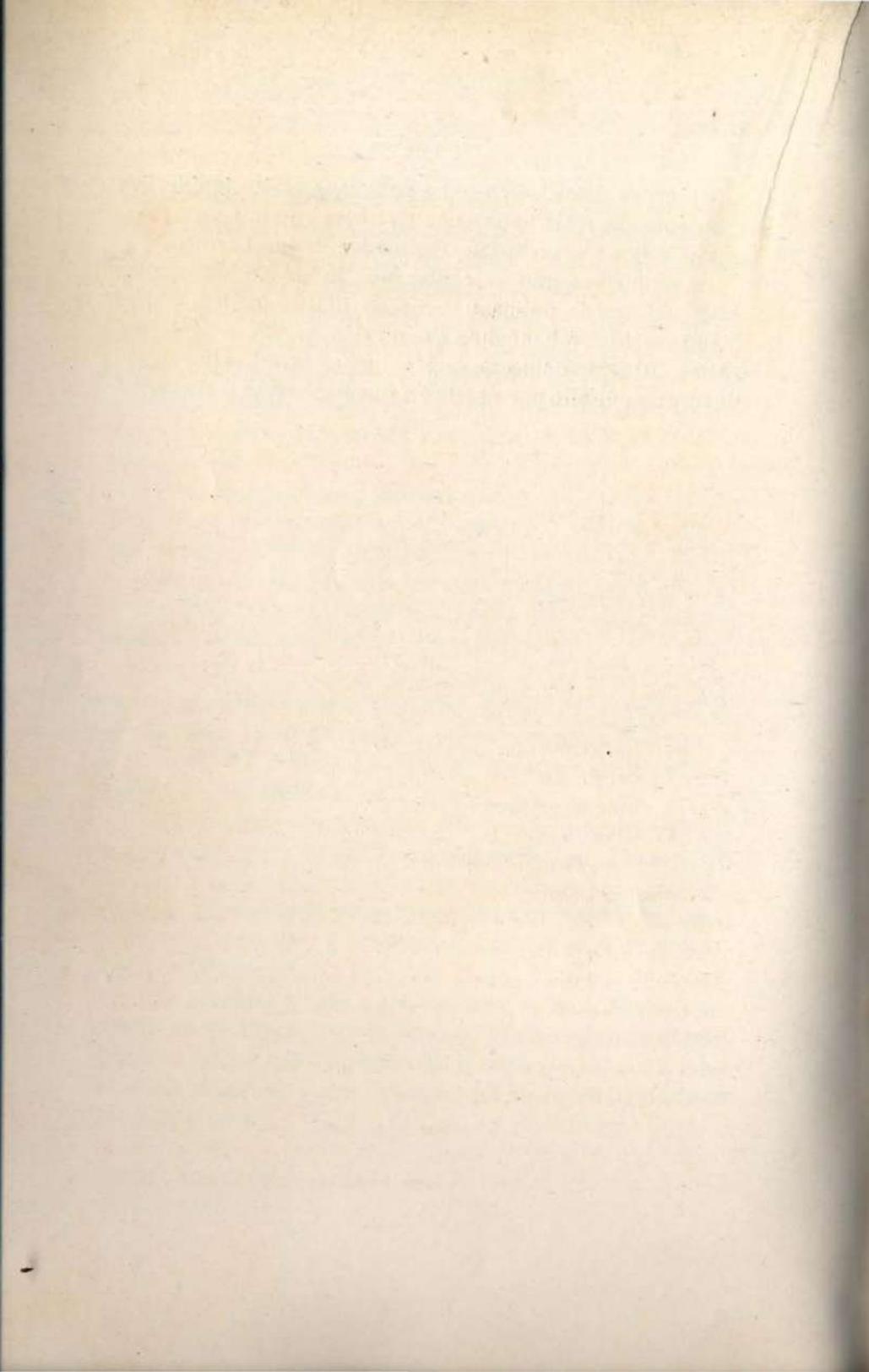
De ALMEIDA JUNIOR e da sua obra, todos a ella se referem respeitosos; os estudos sobre a physionomia são perfectos; o auctor especulando com o meio nacional, seja no «Caipira negaceando», no «Caipira pintando» ou no Caipira picando o fumo.

(1) ARAUJO VIANNA—(obra citada.)

CORREA LIMA offerece na passagem mais significativa e no episodio mais importante da nossa guerra com o Paraguay, a figura respeitosa e expressiva de um Barroso.

Commemorando o centenario do ensino das Bellas Artes no Brazil, publicou o nosso illustre patricio e meu digno mestre Dr. Laudelino Freire, «Um seculo de pintura— 1816 a 1916», trabalho de real e incontestavel valor, digno de ser compulsado por aquelles a quem interessa o assumpto.

---



## CAPITULO II

Evolucionamos sensivelmente nos ultimos 50 annos e firmámos doutrinas que cada vez mais se robustecem.

Os grandes problemas que agitam a humanidade, vão, pari-passu, recebendo a confirmação devida, em razão de suas deducções experimentaes, de sua hierarchia scientifica e de sua concepção logica.

Quasi 10 lustros são decorridos e cada dia maior numero de proselytos, conquista a obra de um PASTEUR. Maravillham-se os coevos com a applicação de conhecimentos que, de muito, se mantinham dentro das leis da mathematica, no circulo da razão e no ambito da logica.

Tudo se desvenda aos olhos do homem, que entretanto não conhece a si mesmo; vacilla ao investigar sua origem e queda-se extatico em uma infinita interrogativa.

No afan mui nobre de resolver a incognita da sua apparição, no Planeta, o homem invoca doutrinas, admite principios definidos ao sabor das religiões, apella para a archeologia, concita a sociologia a que o secunde e depois de minuciosamente averiguar, prescrutar, em uma linha consoante sua intelligencia, seu talento e seu genio, chega a aceitar que sua origem é a mais incerta possivel. A biologia que, no systema linear de AUGUSTO COMTE, serve de base á sociologia, corrobora o enuuciado, asseverando que, sobre «Raças», tambem é absoluta a vacillação no que entende com sua origem, pureza e persistencia.

O notavel paleontologista LARTET, já asseverava que a Genese não tem dados que ajuizem do começo da humani-



dade primitiva. Os artefactos de silex a que o imperador Augusto emprestava subida importancia, no dizer de SUETONIO, seriam os «Ceraunie geniae», os «Lapides fulminis», mas, por si sós, pouco elucidaram a obra de investigação do homem.

No seu mui precioso livro, JOLY (1) synthetisa na seguinte formula os debates travados em torno da momentosa questão «Deus é eterno mas o homem é bem velho».

Houve quem no dizer de G~~OFF~~FROY, cingisse uma corôa de espinhos nessas investigações—*Boucher de Perthes*. Embora precedido em seus trabalhos por T~~OURN~~AL DE NARBONNE (1828) CHR~~ISTOL~~ DE MONTEPELLIER (1829), SCH~~MMER~~LING (1833) AYMARD (1844) e tantos outros precusores da palethnologia, o memoravel explorador dos depositos quaternarios do Valle do Some, deparou no meio scientifico de então, resistencias que a principio se lhe affiguravam insuperaveis, ante a sentença imperativa de CUV~~IER~~ sobre a inexistencia do homem fossil. Geologos inglezes, de grande notoriedade, prestigiaram esse conceito e só condemnaram após a exploração da Caverna BR~~I~~XHUN, realisada sob os auspicios da Real Sociedade Geologica de Londres.

Desde então, sabios como o Dr. FALCONNER e posteriormente PRESTWICH, JOHN, EVANS, LYELL, LUBECK e outros, outr'ora tão descrentes das conclusões tiradas do achado de ABVILLE, resolveram acceital-o instituindo em bases solidas, a doutrina á prehistoria do homem, aliás já entrevista atravez de anteriores explorações. D'ahi o conceito judicioso emittido por JAMES GEIKIE (2).

«It is curious to reflect now that while british geologist were flocking to the samme valley to inspect the discoveries there similar «finds» of human implements and associated

---

(1) JOLY—L'Homme avant les metaux.

(2) «Prehistoric Europe»

mammalian remains had already been made in England itself many long years before, namely in 1715, 1800, 1836.

Agora, já no seio deste planeta, disputando não mais a sua origem, mas a sua posição social na escala do valor, da nobreza, do genio, da ordem e, antes de tudo, da antiguidade faz-se ouvir Ovidio nos seus *Fastos*: «*Ante Jovem genitum terras habuisse feruntur Arcades e luna gens prior illa fuit*».

O espirito mui lucido, o talento mui invejavel do meu collega e mestre que foi e é, o professor Dr. Maximino Maciel, (1) na sua preciosa dissertação de 1901, mais ou menos assim se expressa sobre a vida:

«Quanto mais progridem as sciencias humanas, tanto mais nos convencemos de que não podem transpor os lindes onde se estampa o porque das coisas, na finalidade dos phenomenos da Natureza».

A corrente monogenista ou orthodoxa e o polygenismo, se ambas têm ou tiveram razões e bases para a sua defeza, não podem, transcorridos que são hoje milhares de seculos, pretender de um modo absoluto e incontestado, solucionar o problema que no conceito de TOPINARD melhor seria ter sido confiado ao telescópio.

QUATREFAGES (2) defende com calor e com convicção a unidade da especie humana, emquanto AGASSIS sobre quem HAECKEL lança formal condemnação, appella para uma vontade superior, operando de accordo com um plano preconcebido.

O objectivo de uma parte da nossa memoria nos obriga a intervir nas esferas da anthropologia, de cujas cogitações não pode prescindir o artista, ao estudar as proporções do corpo humano. Seu dominio não se restringe ao homem e ás raças humanas, estende-se á anatomia á morphologia

---

(1) DR. MAXIMINO MACIEL—These de doutoramento. As proporções do individuo.

(2) QUATREFAGES—L'Espece Humaine.

comparada entre o homem e os animaes, comprehendendo, ao demais, a archeologia e a aethnographia.

Postas de lado as controversias, pensamos nunca faria obra util ao discipulo, o professor de Anatomia de Bellas Artes que, perquirindo formas, não o fizesse sob feição comparativa, tendendo portanto, para a Anthropologia.

E não é sem muita substancia na expressão, como com copiosa logica, que TÓPINARD (1) aconselha que o exame dos modelos se faça sempre sob o prisma de confronto.

A tarefa ficará, porém, em meio; a Anatomia comparada das raças humanas é capitulo ainda não completamente estudado.

Mammifero e monodelpho, de uma organização complexa, exigindo para os misteres da vida a execução de uma serie de preceitos e requisitos que correspondam á superioridade e á finura da sua organização, o homem na ordem physica é, sem duvida. um Primata; e o é pela disposição, forma, numero e arranjo dos dentes na maxilla, como pela localização particular de suas mammas.

Os lobos frontal, occipital e temporal, com um systema proprio de circumvoluções, o cerebello coberto pelos hemispherios, a atrophia de certas partes do lobo limbico, um craneo arredondado, orbitas approximadas, mandibula com soldadura das suas duas partes componentes, etc., mais reforçam as deduições da anthropologia zoologica.

O cerebro atingido por um estudo de confronto que, começado nos passaros, chegasse até nós, daria a noção de uma existencia autocratica, subordinando tudo que fica sob sua acção, e valorisando como tornando complexa, a sua superior quão nobre missão.

Dest'arte, o craneo predomina sobre a face. A superioridade e a alta revelancia do que quer que seja, instinctos, paixões, talento ou genio, não pode pairar ao mesmo nivel

---

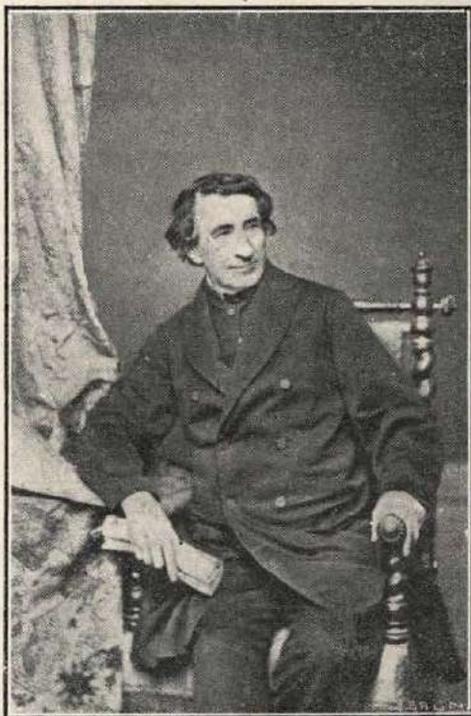
(1) TOPINARD—L'Anthropologie.

dos sentimentos que se acastellam em plano inferior e d'onde promana a vida material.

As orbitas, que na maior parte dos macacos e notadamente nos anthropoides se projectam para diante, são no homem incluídas por completo no craneo, que a ellas se superpõe, por mell'or proteger o orgão que illumina o pensamento.

Relativamente ao volume do corpo, é o homem que possui maior craneo. Eem maior que o dos primatas e mais ou menos 3 vezes superior ao dos anthropoides.

Com o'ra sem razão, LOMBROSO (1) em uma das suas mais bellas producções, «L'uomo de genio» diz que achou 1732 c. c. para, entre outras celebridades, um Descartes. CUVIER tinha 1830, TURGUENEFF 2017; e entre 12 craneos allemães, oito revelavam grande capacidade emquanto quatro têm-na baixa, v. g. LIEBIG 1352, DÖLLINGER 1207, em contraste com



DÖLLINGER, philosopho e chefe dos velhos catholicos da Baviera (Fig. 13)

(1) LOMBROSO—L'uomo de genio.

a medida da superficie cerebral, medida que lhes outorgou um logar de destaque e de superioridade.

Um DÖLLINGER, a quem a Allemanha rende respeitosas homenagens por sua illustração, por seu profundo espirito philosophico, por seu grande descortino e liberalidade de idéas e que, após seu encyclico discordando do dogma da infallibilidade do Papa, recebe da Baviera o sceptro de commando dos velhos catholicos. (Veja Fig. 13)

E LOMBROSO parece não estar longe dos dados anthropologicos, antes parece confirmar «que o homem é o animal em que mais o craneo se avantajá». (ROQUETTE PINTO — Guia de Anthropologia.)

De todos os grandes macacos, o chimpanzé e o orango são aquelles cujo cerebro mais se parece com o do homem; o gorilla afasta-se bastante do typo humano. (ROQUETTE PINTO (1))

As circumvoluções consideradas sob o ponto de vista de confronto, diz TOPINARD no seu livro: (2) «entre os primatas ha uma graduação ascendente. Os anthropoides são o grau mais elevado, entre os macacós, o homem actual o grau immediatamente superior». O typo cerebral, dos anthropoides é um typo humano não por completo desenvolvido, como o typo cerebral do homem é um typo simio desenvolvido».

Conclue-se destes enunciados que, «o homem por seu typo cerebral geral é bem um primata e a opposição deste typo com o dos outros mammiferos é tão decisiva, que nenhum argumento pôde vencel-a: o homem, pois, deve resignar-se a ficar na ordem dos Primatas.

Por determinar a attitúde bipede, em que se traduz a póstura no homem, tem elle necessidade de curvar a columna vertebral em 3 direcções que se contradizem pela suc-

---

(1) ROQUETTE PINTO—Guia de Anthropologia.

(2) TOPINARD—L'homme dans lanature.

cessão, e que não encontram similar nos macacos, e mui pouco se delinham nos anthropoides. DENIKER explica o facto das curvaturas serem mais pronunciadas, entre homens civilisados que entre selvagens, (1) pelas condições da vida mais sedentaria entre os primeiros, sem que isto, absolutamente, possa ser considerado um caracter de superioridade.

RANKE (2) diz, a titulo de hypothese, (a very ingenious hypothesis. DENIKER) que o excessivo desenvolvimento do cerebro, acarretando o do craneo, deveria determinar a mudança de postura em um ser tão primitivo quanto devera ser o nosso progenitor. DENIKER não repelle a idéa, considerando que no genero Homo, os musculos da nuca não são tão poderosos, assim como não ha ligamento cervical. O proprio cerebro contrabalança o maxilar cujo peso é tão reduzido, e por sua vez, a cabeça se mantém sobre a columna. BROCA (3) não pensa assim, e encontra sectarios. Tambem é preciso considerar, que ao nascer a postura humana é a do quadrupede, razão da falta de curvatura na columna; que a curva cervical coincide com o alçar da cabeça, ao 3º mez, como a curvatura lombar com o 2º anno, quando a criança anda, momento em que a acção dos musculos pre-vertebraes se faz sentir.

No excessivo desenvolvimento do cerebro é que precisamos procurar as principaes differenças entre o homem e o anthropoide, desenvolvimento que é correlato com a diminuição da porção facial do craneo.

O chimpanzé, o gorilla e o orango-tango, os unicos comparaveis neste particular ao homem têm um cerebro com o peso que póde ir de 360 a 420 grammas. No orango-tango,

---

(1) DENIKER—The Races of Man.

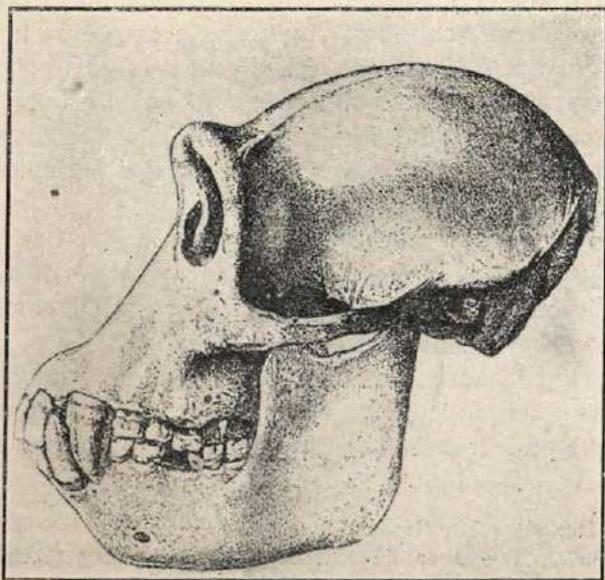
(2) RANKE — Über die aufrechte Körperhaltung (Citação de DENIKER.

(3) BROCA — Memoires d'anthropologie.

comparado o peso do cerebro ao do corpo, a relação é de meio por cento, enquanto no homem essa relação vae a tres.

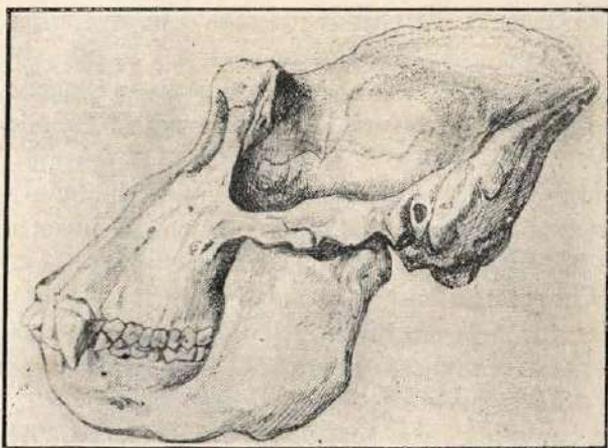
Estas considerações levam o anthropologista a estudar comparativamente os dous craneos servindo-se dos processos das chamadas *norma facialis*, *norma occipitalis* como de outros dados. Sem penetrar por completo, nos meios de execução, ha caracteres que se delineam; a face, por exemplo, projectando-se como focinho nos anthropoides, enquanto no homem, por extremo reduzida, colloca-se abaixo do craneo.

Dominando nos anthropoides a face mais do que no homem, resulta que o angulo facial é nelles muito menor, dando a cifra de 38 no chimpanzé, 32 no gorilla e 28 no orango. No homem, a cifra maxima dá-lhe 72.", e estes dados «exprimem menos a relação que guardam entre si face e craneo, do que o absoluto desenvolvimento daquella» (1). Figs. 15 e 16.

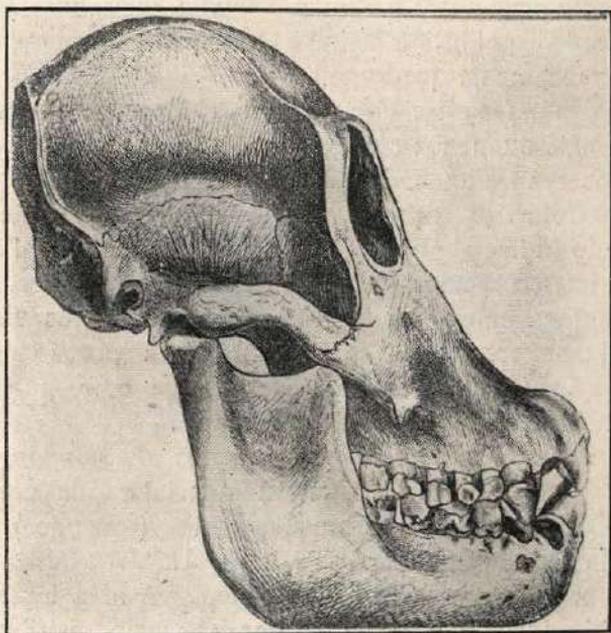


Craneo do Chimpanzé (perfil) (Fig. 14)

(1) TOPINARD — L'homme dans la nature.



Craneo do Gorilla (perfil) (Fig. 15)



Craneo do Orango (visto de perfil) (Fig. 16)

Só assim se comprehende uma cifra comparativamente tão alta em uma face tão pequena e curta. A porção malar da face do homem é mais saliente do que no macaco, emquanto a porção temporal deste, se avanta em relação á daquelle.

A norma occipital ensina que o craneo humano, collocado em posição horizontal, não deixa ver o buraco occipital, ao contrario do que se observa no macaco.

No homem, o buraco occipital se mantem a igual distancia das porções anterior e posterior do craneo.

TOPINARD diz que no negro, este buraco está um pouco mais na porção posterior.

O recuo que se vae accentuando no macaco, chega no cavallo a tal dispositivo, que o buraco occipital deixa de fazer parte da base do craneo.

Quanto mais recua o buraco occipital, mais accentuada é a perda do equilibrio e maior a tendencia á postura obliqua ou francamente quadrupede.

A caixa ossea affecta no homem a fórma geral de um ovoide, mais ou menos alongada, de modo a approximar-se, como observa DENIKER, de um ellipsoide, cujo grande eixo é quasi o dobro do pequeno. Indica-se numericamente esta forma pelo indice cephalico, que é a relação centesimal entre o comprimento maximo do craneo e sua maior largura.

TOPINARD entendeu dever melhor precisar os termos na seguinte expressão: «é a forma geral da porção da cabeça que é situada para cima e para traz e corresponde á caixa do encephalo ou ovoide craneano».

Da avaliação por meio de algarismos da configuração do craneo nasceu com RETZIUS a nomenclatura de craneos dolicocephalos (longos) e brachicephalos (redondos), conforme os dados resultantes da relação entre os diâmetros antero-posterior e transversal do craneo. A idéa levantada pelo sabio sueco que pretendeu por esse meio distribuir as raças humanas em dois grupos fundamentaes, subordinados

ás designações a que nos referimos, succederam os principios instituidos por BROCA, que não só submetteu a forma decimal ás relações de RETZIUS, sinão tambem creou o methodo dos indices, e lhe attribuiu, como pondera QUATREFAGES (1) a maior importancia na distribuição das raças pertencentes a cada um dos grupos primarios da humanidade.

E' de BROCA a distribuição dos craneos em mesaticephalos ou mesocephalos se o indice oscilla entre 77 e 80, sub-dolicocephalos, se a relação baixa até 75, dolicocephalos, para os que vão abaixo de 75, infra-brachicephalos até 83, 3 ou brachicephalos além de 83, 3.

O methodo estereographico de BROCA ensina a observar os contornos da cabeça, sua symetria ou assymetria etc., tendo em vista as condições morphologicas do individuo, como os seus caracteres ethnographicos.

O craneo dá á analyse anthropologica multiplas formas vg. : escaphocephalo : craneo em fórmula de batel ; platycephalo, craneo chato, *entre nós mui observado na colonia syria*, um poderoso nucleo a cuja cooperação muito devemos na nossa evolução progressiva.

Plagiocephalo : craneo oval, megalcephalo : craneo de exagerada capacidade.

Oxycephalo : craneo com bossas frontaes mui rudimentares. Macrocephalo, craneo alongado. Microcephalo, craneo de capacidade reduzida.

Scaphocephalo : craneo em fórmula de ponta.

Cymbocephalo : craneo que se deprime no bregma, etc., etc.

A questão de morphologia craneana ventilada diante dos problemas de psychiatria, de criminalidade, não logrou um exito que aspiravam LOMBROSO e os seus sectarios. No terreno da pura pathologia, convem a resalva, «quanto ao

(1) QUATREFAGES—Introduction a l'Etude des Rases Humaines.



exagero de uma das fórmulas supras, incluídas então entre os chamados estygmata de degeneração.»

De outro lado um KANT e um BICHAT eram portadores de accentuadas dyssimetrias, reforçando pois os argumentos contra a escola de LOMBROSO.

O nosso erudito collega e professor, (1) em trabalho a que já nos referimos, exgottou, com todo o seu tão invejavel talento servido por vasta illustração, estes como outros capitulos.

Delle transcrevo, data venia as circumferencias cephalicas de diversos dos nossos varios homens illustres na politica e nas letras, *patenteando d'esta arte a inandade da mór parte das induções anthropometricas.* (2) Veja Fig. 17.

«Estas ovaes que aqui estampamos foram tiradas com o maximo cuidado, exprimem por isso a realidade anthropometrica, e a maior parte dellas figuram em um dos numeros da «Universal», uma das nossas melhores revistas sob a direcção dos illustrados Drs. Thomaz Delphino, Manuel Bomfim e Rivadavia Corrêa. (3)

O indice cephalico é de um caracter empirico; comtudo encarado do ponto de vista geral é corrente em sciencia.

O cathedratico de Anthropologia no Museu Nacional, professor DR. DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO apresentou em 1905 ao terceiro Congresso Scienfico Latino Americano trabalho de subido valor (4) no qual exgotta este paragrapho da Anthropologia, chegando por concluir: «que os caracteres craneometricos são meramente empiricos, que não offerecem base segura á classificação das raças humanas e no que respeita aos indigenas da America, devem ser prefe-

(1) DR. MAXIMINO MACIEL. These inaugural de 1901. (Já citada.

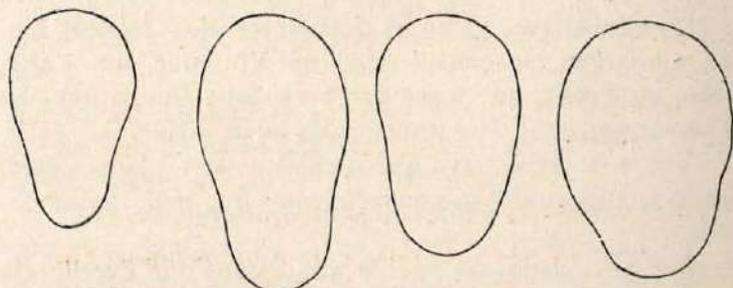
(2) Grifho do autor a citação transcripta.

(3) MAXIMINO MACIEL. Trabalho cit. pag. 75.

(4) Os caracteres craniometricos offerecem base segura á classificação das raças humanas? DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

ridos, para sua diferenciação e estudo, os caracteres linguísticos, descritivos, ethnologicos, tendo por complemento a sociologia e a moral.»

*Gyaes de diversos craneos de alguns dos nossos homens, mais em evidencia*

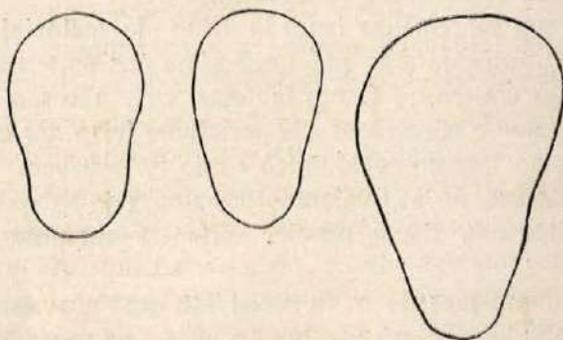


Dr. Rodrigues Alves

Dr. Campos Salles

Dr. Lauro Sodré

Dr. Joaquim Nabuco



Dr. Arthur Rios

Dr. J. J. Seabra

Alberto de Oliveira

(Fig. 17)

Esta questão conduz-nos a debates temerosos, em que se dividem, anthropologistas, anthropo-sociologistas e uma terceira legião de criticos, impiedosos e quiçá razoaveis.

GOBINEAU na sua obra (1) LAPOUGE (2) (3) e de outro

(1) GOBINEAU—Essai sur l'inegalité des Races Humaines.

(2) LAPOUGE—L'Aryen.

(3) LAPOUGE—Les selections sociales.

lado FINOT (1) e COLLAJANI (2) formando as hostes adversas da dolichocephalia, como caracter de superioridade, levam ao auge a sua contenda.

Os homens não se differenciam entre si sob o ponto de vista organico, com os caracteres fornecidos pelo craneo e pelo cerebro ; este é o principio que nos parece verdadeiro.

Os apologistas, como os detractores dos craneos longos ou largos, se considerarem um VOLTAIRE, um KANT, verão, diz FINOT, que a sua brachycephalia não os impediu de tomar parte entre os proceres da humanidade.

VIRCHOW asseverava que a cabeça deve alargar para, com o tempo, conter os conhecimentos que nella se amontoam.

De outro lado, os Suecos são povos por excellencia dolichocephalos, e, entre negros, é TOPINARD que, em 100 medidas, dá 38 meso e 6 brachycephalos!!

Sem um julgamento lançado falho de raciocinio, e a priori, podemos afirmar que a espessura dos supercilios, o volume do craneo, as fontes fugidias, etc., não são dados sufficientemente scientificos que permitam juizo ou conclusões, seja no terreno sociologico como no artistico.

COLLAJANI, no seu valoroso trabalho, (3) diz que estes dados terão um dia a mesma sorte da phrenologia de GALL.

«As condições do meio social são uma prova irrefutavel das modificações no estado psychico e na mentalidade.»

FINOT, com um espirito de alta relevancia, uma sobriedade ao mesmo tempo que uma convicção logica, não se distancia do eminente COLLAJANI.

Parece, e sem duvida é racional, que só a intellectualidade e a moralidade podem extremar os homens. Não ha escala organica que justifique a condemnação de uma raça

(1) FINOT Le préjugé des Races.

(2) COLLAJANI—Latins et Anglo-saxons.

(3) COLLAJANI—Latins et Anglo-saxons.

no ponto de vista intellectual, assevera o illustre polemista.

O meio sem duvida influe na organização biologica, sem, contudo, prejudicar o caracter essencial; e a mentalidade ao seu serviço colloca o homem sobre os demais seres organisados.

Só a mentalidade pode accusar gradações sensiveis. Entre um Tupy e um Guarany antropophagos e um Francez civilisado, a lacuna é colossal. diz FINOT; mas duas gerações de Tupys á sombra da civilisação, apagam as lacunas moraes e intellectuaes assignaladas.

Ainda a proposito da acção do meio social e como exemplo mais significativo, temos a citar os Judeus, proteus que deram homens superiores, artistas e sabios, como MAYERBER, LASSALLE, MARX, etc.

Respiguemos ainda sobre a face.

Seus limites vão dos cabellos ao mento, ou melhor, da borda alveolar do maxillar inferior, ao ponto supranasal de BROCA, dão ensejo a considerações, algumas de caracter bastante significativo, no terreno artistico.

O prognathismo, que, no dizer de PRICHARD, é o alongamento e a proeminencia dos maxillares ou a sua habitual obliquidade, encontra-se, diz TOPINARD, habitualmente nos negros da Africa e Oceania, e accidentalmente nos Europeus. Quando o craneo está coberto, a espessura dos labios accentúa este caracter.

O craneo em posição horizontal, a projecção da face para diante, é o que de um modo mui geral constitue o prognathismo, sem certamente caminhar ao puro terreno das controversias, doutrinas e opiniões a que nos conduziria TOPINARD que, com ou sem razão, divide o prognathismo em facial propriamente dito e prognathismo maxillar e dentario.

O prognathismo alveolo-infra-nasal ou maxillar superior oppõe, diz QUATREFAGES, (1) o Negro ao Branco, por excellencia orthognatha.

TOPINARD, (2) assevera que o angulo de prognathismo jámais chega a ser recto, a linha sub-nasal sendo mais ou menos inclinada sob o plano natural da base do craneo. Por consequencia, o orthognathismo não existe e menos ainda o opisthognathismo.

Com differenças a mais ou menos de um grau, todos são prognathas, sendo que na epocha merovingiana, affirma TOPINARD, o prognathismo se accentuára, recuando mais tarde.

Os problemas de mestiçagem e atavismo talvez expliquem, opina TOPINARD, o facto de encontrarmos Negros pouco prognathas e Brancos que o são demasiadamente.

As innumeras variedades organicas, como a riqueza de combinações, não permitem que tiremos conclusões para epigraphar doutrinas e canones no terreno social como no artistico.

«Os typos classicos, modelos de belleza plastica e de caracter moral, são assás prognathas, v. g. os Bourbons que precisamente deveriam synthetisar a nobreza do nascimento como a superioridade da origem». (FINOT.)

O craneo e a face guardam entre si uma relação harmonica e «comparando lo sviluppo d'ella faccia con il volume d'ella capsula craniense, ci si presenta um fatto interessantissimo per l'Anatomia Artistica, e cioé, che la faccia se presenta tanto piú sporgente in avanti quanto minore é il volume del cranio. (G. VALENTI). (3).

Em 1791 o esculptor hollandez ligou o seu nome a estes dois planos tangenciaes, um á frente e ao nariz, na direcção

(1) QUATREFAGES—L'Espece Humaine.

(2) TOPINARD—L'Anthropologie.

(3) G. VALENTI—Guida allo Studio d'ella Anatomia Artistica (Milano).

mais ou menos oblíqua e outro quasi horizontal, do conducto auditivo á raiz do nariz, formando a sua intersecção, o angulo facial de CAMPER.

Diz-se que CAMPER concebera o seu angulo, vendo pintores executar sem distincção Negros e Brancos, como ainda para distinguir a estatuaria greco-romana.

QUATREFAGES reproduz, no seu trabalho, (1) a escala decrescente das obras primas da estatuaria, até aos macacos não adultos, alvitre que nós seguimos a titulo de curiosidade.

ANGULO FACIAL

Estatuas gregas.....	100°
Estatuas romanas.....	95°
Raça branca.....	80°
Raça amarella.....	75°
Raça negra.....	70°
Macacos superiores (novos).....	65°

«A causa del rapporto inverso fra la sporgenza d'ella faccia e lo sviluppo del cranio, l'angulo di CAMPER será tanto piú aperto quanto piú il cranio propriamente detto é sviluppato anteriormente.

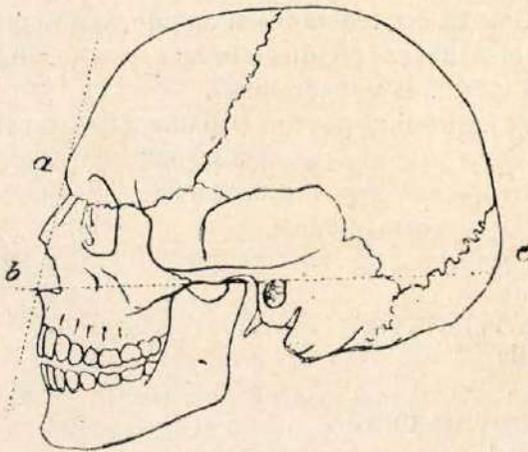
Perció fu ritenuto che in stretto rapporto com l'angulo di CAMPER si



(1) QUATREFAGES  
L'Espece Humaine.  
Obrá citada.

Cabeça do Apollo de Belvedere (angulo facial typico) (Fig. 17)

trovasse lo sviluppo d'elle facoltà intellettuali». (VALENTI)—  
1 c. pag. 76.



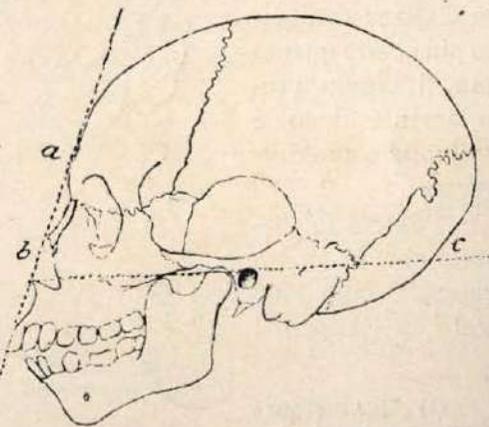
Craneo de europeu (a b c angulo de Camper).  
(Fig. 18)

Mentre esso  
mai giunge alla  
misura di un  
angolo retto, si  
trova talvolta  
n'elle teste rap-  
presentanti de-  
gli Déi o degli  
eroi, a sorpas-  
sare i 90°, come  
ad esempio  
n'ell Apollo del  
BELVEDERE.

A arte ana-  
lysa, para, pelo  
gosto, synthe-  
tisar. O artista

tem o sentimento que de sua essencia, é predicado pessoal.  
Não pode acer-  
car-se dos rigo-  
res scientificos,  
caso em que a  
arte deixaria de  
existir.

Estes consi-  
derandos talvez  
nos permittam  
dizer que á Ana-  
tomia Artistica,  
pouco interes-  
sam os dados  
que fornece  
á Craneologia,



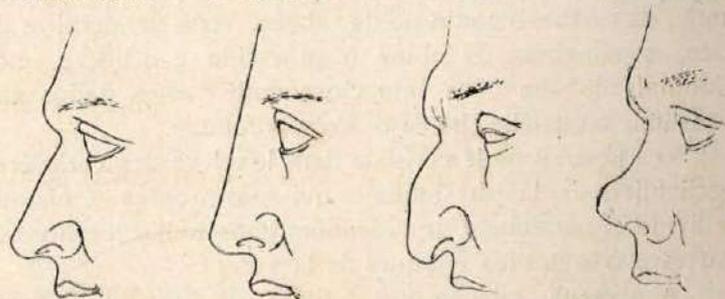
Craneo de negro (a b c angulo de Camper).  
(Fig. 19)

ainda uma sciencia de analyse e de paciencia e não de synthese.

Se nos craneos reputados bem feitos, v. g. os dos arabes, a curvatura da abobada se eleva gradualmente a partir das bossas frontaes e attinge seu ponto culminante atraz do bregma, e este dado craneologico é digno de ser acceito, de outro lado, a maior ou menor saliencia das arcadas superciliares e da glabella, nulla nos Negros é mui desenvolvida nos Australianos.

A morphologia do nariz, quer se considere sob o ponto de vista geral, quer com detalhes, interessa a arte. A' observação do artista não escapou o nariz de Augusto, de Venus, de Dante e de Socrates. Ao anthropologista não passou

A—Nariz de Augusto      B—Nariz grego      C—Nariz de Dante      D—Nariz de Socrates



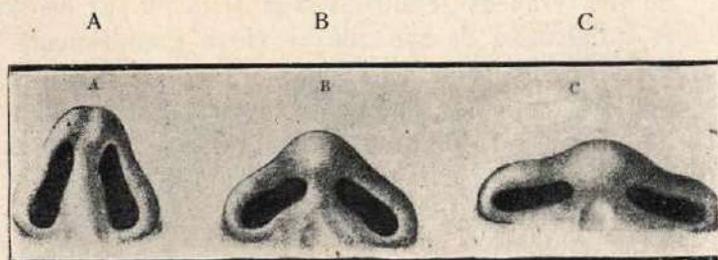
(Fig. 20)

despercebido o nariz chato dos amarells, o nariz australoide, etc. A ambos não foi indifferente o indice nasal — relação centesimal entre a altura e a largura do nariz— indice comparativo dos individuos.

«La lunghezza e la larghezza del naso sono in intima relazione con la conformazione d'ella'apertura piriforme dello scheletro d'ella faccia e specialmente con il cosi detto indice nasale.

Second il diverso indice nasale si chiamano leptorrini gli individui a naso stretto e sottile, quali sono tutti gli Europei ; platirrini gli individui a naso largo e piatto quali sono

i Negri in generali; mesorrini i popoli di razza gialla, il naso di forma intermedia. (VALENTI — 1c. — pag. 231.)»



Nariz leptorrino

Nariz mesorrino

Nariz platerrino

(Fig. 21)

NICEFORO (1) leva ao extremo o estudo das fórmulas do nariz, da orelha, o contorno da cabeça, vista de perfil e da face, as palpebras, os lábios, o supercílio e a boca, etc. Compulsada sua obra minuciosamente, estes dados vão constituir o que elle chama o *Retrato fallado*.

«Le portrait parlé consiste dans le relevé des caractères particuliers de la physionomie qui sont propres à chaque individu et permettent de l'identifier dans toutes les circonstances et à toutes les époques de la vie.»

A presente citação vae a titulo de curiosidade, porquanto interessa mais a ordem criminal.

Quando se cogitou em sciencia do que se chama «Canones», o sentimento individual venceu a observação, da qual deveriam nascer as regras convencionaes.

GERDY accusa os Gregos de erros de Anatomia e, quando FINOT declara que o Laocoonte tem a perna esquerda mais longa, AUDRAN assevera que a Venus de Medicis e o Apollo pythio soffrem do mesmo defeito, em um dos membros de apoio.

(1) NICEFORO—La Police et l'Enquete Judiciaire Scientifiques.

Com a Renascença e as suas escolas, dominaram os mesmos sentimentos e dahi o echo das recriminações que ainda hoje se escuta, da bocca dos anthropologistas pedindo á arte que, ao lado das suas fantasias, se não divorcie dos limites individuaes anthropometricos, que não exagere uma cabeça para attrahir a attenção, que não alargue a bacia para despertar a sensualidade, que não alongue fórmãs para impôr dignidade.

A unidade do typo vem até a Renascença.

Com ALBERT DÜRER e CAMPER a pluralidade se impõe e consubstanciou-se até hoje na arte, na anatomia, na anthropologia, etc.

A natureza por si propria regulou o que TOPINARD denomina «Subordinação de caracteres».

«Da concordancia de caracteres surgiu a noção de typo em anthropologia.» (TOPINARD)

Observemos que, na cabeça, as partes vitaes propriamente ditas, bem como as decorativas, guardam entre si um conjuncto harmonico. Aos cabellos loiros, em geral se associam olhos azues; se o craneo se arredonda, diminue no sentido vertical, etc.

A questão do Typo Humano, isto é, a media dos caracteres que uma raça humana, supposta pura, apresenta, conduz-nos a uma controversia, logo que inicia pelo europeu de hoje a questão aryana.

A mais rica erudição, os mais poderosos engenhos, todas as fontes da historia, o talento ao serviço das mais sedutoras doutrinas, não conseguiram uma solução ao denominado problema aryano.

O ZENDAVESTA declara que o nome vem do logar de origem dos povos Airyanem Vaejo. (Em sanscrito, Aryano quer dizer nobre.)

AUGUSTO POTT assim se exprime: «Ex oriente lux». (A marcha da civilisação seguiu sempre o sol.)

ADELUNG diz que a Europa, sendo um prolongamento da Asia, deve a esta os seus primeiros habitantes.

ADOLPHE PICTET, em uma grande obra, obra prima de synthese, como a classifica o illustre sr. SALOMON REINACH em seu notavel trabalho, (1) opina que a patria Indo-Européa é a Bactriana. O illustre geologo belga OMALIUS D'HALLOY, foi quem primeiro protestou contra a origem asiatica dos europeus, apoiando os seus argumentos na observação, de que as conquistas caminharam do occidente ao oriente, e na anthropologia assignalando a predominancia do typo loiro não asiatico entre os homens do ramo europeu.

«A origem e o berço das artes, da civilisação, do genio e da industria, está na Europa occidental.» (LYTTON BULWER).

Quando o chauvinismo abordou a questão, GEIGER no seu livro dá a Allemanha do Centro e de Éste, como a patria Indo-Européa. (2)

Os problemas de linguistica e de anthropologia, difficilmente, pensa o Sr. REINACH, pôdem com superioridade attingir um só cerebro humano.

O illustre historiador e critico, ataca com absoluta convicção e quiçá razões o sr. LAPOUGE e o denominado «penkismo», um systema de romance historico e nada mais.

A obra de SCHRADER, (3) tem o merito de salientar as incontestaveis analogias que apresenta a civilisação dos arianos indivisos, com a das estações lacustres da Suissa da primeira edade do metal, nos confins da epocha neolithica. (REINACH — I c. pag. 94).

Para conhecer o homem de hoje, é preciso conhecer o de hontem, mas no estudo a que nós propuzemos — sempre sob o prisma de confronto — é preciso pôr de lado os excessos a que nos conduzam doutrinas e argumentos.

---

(1) REINACH — L'Origine des Aryens.

(2) GEIGER — Zur Entwicklung der Menschheit.

(3) SCHRADER — Sprachvergleichung und Urgeschichte (citação de REINACH).

Os jornalistas, os homens politicos, os litteratos e os artistas, têm-se apaixonado cada qual no que de mais utilhes possa parecer e apresentar interesse pela questão aryana; e LAPOUGE, para remediar o mal que a humanidade e a civilisação soffreriam com o desaparecimento dos aryanos, aconselha os casamentos ditos eugenicos entre os melhores representantes do aryanismo.

O illustre Professor MIGUEL COUTO, inspirou em 914 ao seu discipulo e nosso collega Dr. ALEXANDRE TEPPE-DINO, (1) a sua these inaugural, um trabalho, onde o auctor se revela pelo seu talento e erudição.

A mão do Professor AFRANIO PEIXOTO, cuja talento é um orgulho para a nossa classe, não foi extranha em idéas que emittiu o joven medico, com o prefacio do insigne philologo JOÃO RIBEIRO que lhe illustra o trabalho.

«Ha agora uma sciencia nova, que floresce entre anglo-saxonios da Europa e da America, «Eugenia» ou o estudo da boa procriação e da nobreza dos seres humanos.

Trata-se de melhorar a especie humana, não brutalmente, segundo os estylos zootechnicos, mas por providencias acceitaveis que impeçam a degeneração moral da sociedade.»

Caminha-se para o Nirvana da intelligencia. A lei de MENDEL consiste na verificação de que nos cruzamentos vegetaes ou animaes, sem excluir o homem, quando os procreadores são de raças ou variedades distinctas, a primeira geração é integralmente mestiça e a segunda divide-se em uma metade mestiça e em dois quartos recurrentes, pois cada um delles retorna, inflexivelmente, a cada typo atavico.

Na America, DAVENPORT chama a attenção do governo americano para combatter esse flagello; e interroga o Sr. JOÃO RIBEIRO: «Que temos feito no Brazil? Coisa alguma, ao que supponho».

---

(1) DR. ALEXANDRE TEPPE-DINO—Eugenia—These inaugural. 914.

FINOT, com muita ironia, no seu combate á idéa, appella para salvação do principio, o exemplo dos Judeos, que, só se casando entre si, realizariam o ideal da procreação dos eugenicos.

A Eugenia, se a chamada lei de MENDEL fôr verdadeira, talvez que um dia possa interessar a Arte.

STRATZ, no seu livro assás curioso e de grande utilidade aos artistas, (1) assevera que é bem difficil formular regras para ajuizar-se da individualidade e que se APELLES reunisse os encantos das 12 mais bellas filhas de Crotona, ainda assim não chegaria a crear um typo individual harmonico em todas as suas partes.

TOPINARD, descrevendo o typo europeu, que é o padrão para a concepção artistica—ao menos no nosso meio— diz que a belleza não lhe constitue privilegio.

O craneo, se masculino, é anguloso, alto, com preponderancia anterior; e predominancia posterior, se feminino. A media de capacidade attinge 1500 a 1600 c. c. A physionomia, que é a parte mais interessante não só da cabeça como de todo o corpo, é accessivel ao exame de toda a gente e pesa no julgamento, ainda que todas as vantagens physicas restantes se lhe avantejem.

A figura 22 o autor apresenta como um typo de perfeição no contorno dos labios, o que no europeu com as outras partes medianas constituindo o estylo familiar, é a regra. O orthognatismo, para exprimir o minimo de prognatismo que neste typo varia de 82 a 75,°5, é a fórmula geral do perfil.

De todas as concepções da belleza, a individual deve ser a preferida, pensa STRATZ, e o europeu deve possuir o primeiro logar na hierarchia das raças. Quanto mais longo, mais estreito e mais vertical fôr o maxillar superior, tanto

---

(1) STRATZ — Obra citada. Die Schoenheit des Weiblichen Körpers.

mais perfeito. Desta condição resulta para as fôrmas exteriores, que o nariz se alonga, suas paredes lateraes approximam-se da perpendicular, relativamente á linha dos labios, e os malares se não exageram como nos typos negro e mongol.



Cabeça (typo europeu) orthognatha, labios com contorno perfeito. (Fig 22)

MORSELLI  
(Sul peso del cra-

nio e d'ella mandibola in rapporto col sesso) depois de pesagens e mensurações, assevera que o maxillar inferior é menor e mais leve para a mulher, comparativamente ao do homem. Ao demais, o maxillar sendo mais estreito na mulher, a physionomia se vem nesta adelgaçando, a partir da região mediana para o mento.

No typo europeu o mento é saliente e a tensão dos musculos insertos na pelle, aqui como nas bochechas, dá, sobretudo na face feminina, um tom suave constituindo a fosseta mentoniana, o «Grüberl in Kinn» celebrado em canticos na Austria.

A figura n. 23 mostra, reunidos, uma serie de traços femininos de uma viennense de 15 annos com a fosseta do mento, oval regular, bocca graciosa, lindos cabellos.

A abundancia dos supercilios é um caracter masculino; o seu arqueado mais pronunciado dá logar a orbitas mais espaçosas e a um caracter feminino.



*imp/n/* Typo enropeu (Vienna) cabeça com mento saliente e com a  
(Grüberl ~~de~~ Kiny) (Fig. 23)

Quando os supercílhos se vão adelgaçando para as extremidades, mais concorrem para a sua superioridade dos traços. A physionomia adquire um tom de maior rudez quando os supercílhos se *condensam* em meio, e mais detestavel e desfigurada se elles faltam.

Diz-se que, no Japão, a mulher para aplacar o ciume do marido, raspa os supercílhos e ennegrece os dentes.

Na alta sociedade em Tokio, observamos esta ultima pratica que, parece, se vae extinguindo.

Quando a bocca é bem desenhada, o labio superior se salienta um pouco sobre o inferior. Na mulher este caracter é significativo, e a relação de comprimento é de 3 para 2 em confronto com a fenda palpebral. Os olhos afastam-se um do outro, na largura de um olho, de sorte que a distancia dos angulos exteriores é duas vezes a da commissura dos labios.

Nos commentarios que BRÜCKE faz na sua «Psychologie des Weibes», diz elle que o perfil antigo, por muitos dito hoje como não existente, procurado com attenção ainda se o encontra na Italia e mesmo na Allemanha e que em Smyrna elle é real em toda a sua pureza.

Se a estatuaria classica deu preferencia ao perfil grego, opina STRATZ, é que qualquer que seja o ponto onde se o considere, elle é sempre bello.

Em considerações oppostas, todavia, é preciso não esquecer que ha outros typos humanos dignos de serem considerados bellos. O nariz romano, contanto que se não accentue muito, e que a linha do dorso seja delicada, dá á physionomia um cunho individual sem alterar-lhe os traços.

A morphologia nasal depende, sem duvida, da configuração do craneo e da face. Os traços physionomicos obedecem a uma lei de coordenação e a evolução do craneo muda a estructura do nariz. Auctores ha que, em arte, admittem que do nariz, cuja linha forma com a fronte um angulo obtuso, como o nariz romano, pode ser admissivel a esthetica.

No estudo do typo europeu TOPINARD (1) cita como divisões as mais naturaes o typo loiro e o typo escuro. Veja Fig. 24.

A côr da pelle se acha em correlação directa com a dos cabellos. Bory de S. Vincent diz que os cabellos no homem ou são lisos (liótrichos) ou crespos, (ulotrichos),

---

(1) TOPINARD—L'Anthropologie. (Obra já citada).



Cabeça de um typo europeu do sul, com perfil  
classico (Fig. 24)

mas, como a côr, os cabellos passam por todos os tons, nesse particular. Assim, no negro, o côrte transversal á haste dá uma ellypse alongada; no pelle vermelha, um circulo; o Anglo Saxonio estabelece o meio termo.

O meio tambem age sobre a côr; assim, nos Estados Unidos, o negro que vem de ha muito soffrendo esta influencia, se approxima do americano, do germano, do slavo e a mestiçagem muda a côr e as qualidades caracteristicas do cabello.

FINOT, (1) com a ironia que addiciona aos textos que

(1) FINOT—Obra citada.

tão intelligentemente produz, assevera que se a divisão de TOPINARD, classificando os cabellos em rectos, ondulados, frisados ou crespos e lanosos, fosse real, o negro com a sua cabelleira representaria a expressão suprema do progresso, fim para o qual deveriam tender todas as demais raças e povos.

«Se o homem, (diz ainda FINOT) é tanto mais nobre quanto mais se afasta dos macacos e anthropoides, é preciso não esquecer que estes têm os cabellos rectos ou pouco ondeados, semelhantes aos das raças amarellas, dos povos americanos, e sensivelmente approximados dos europeus e semitas.»

Prejuizos, conclue o sociologo, que nos acarretam a graduação dos humanos em taes canones.

Ao lado do typo geral, ainda a anthropologia distingue o loiro caracterizado pelos olhos azues, cabellos loiros e a pelle de um branco roseo. Gradações na côr dos olhos, dando-lhes tons esverdeados, tambem se observam, mas neste typo o craneo é ora brachycephalo, ora dolichocephalo, como no inglez; mesalicephalo, como nos noruegueses, suecos, belgas; de todas as fórmãs no allemão pois que os cruzamentos alteraram o typo primitivo, dolichocephalo na opinião de TOPINARD.

COLLAJANI, de uma austeridade e de uma energia invejáveis em suas contendãs, não cessa de varrer da arenã as opiniões que, com grande paixã e cunho doutrinario, defende a escola opposta, tendo á frente GOBINEAU, LAPOUGE e ultimamente CHAMBERLAIN, em um livro de grande valor como forma e como erudição. (1)

Logo no inicio, HOUSTON CHAMBERLAIN prefacia a sua obra, com a phrase de GOETHE: «Nós pertencemos a uma raça que da obscuridade tende á luz».

---

(1) CHAMBERLAIN—La Genese do XIX siécle.

A cabeça, extremamente longa, deve predominar; e desde os germanos de Tacito e desde os antigos slavos, tudo se mostra favorável á nossa proposição que póde ser estendida aos Celtas, ao menos como presumpção.

«Onde ha authenticos germanos, (declara CHAMBERLAIN) por certo reconheceremos um traço isolado na sua physionomia. Assim, em LUTHERO, o volcão de que fallava BALZAC, é a sua fronte, o seu nariz, são os seus olhos que lhe evocam a imagem, e os menores detalhes desta physionomia vehementemente testemunham a necessidade de agir. Considerando-a, parece ouvir-se a palavra de DANTE : «Colà dove si puote ciò che si vuole».

Parece que da sciencia fomos a caricatura, é a expressão de COLLAJANI. «A Russia vae obrigar os constructores dos eixos a que refaçam os seus calculos. Ali ha sabios e artistas de genio e TOLSTOI é o maior e de gloria singular».

Não vejo em que os anglo-saxonios possam supplantar a um HOMERO, a um PINDARÓ. DANTE póde collocar-se ao lado de GOETHE. CERVANTES, se não superior, vale um MILTON; e as duas maiores manifestações do espirito humano encham de enthusiasmo e admiração os povos do Mediterraneo, a Renascença e a Encyclopédia.

No capitulo «Bellas Artes», pensamos que COLLAJANI (1) poz ponto ao estudo comparativo, quando declara que os grandes homens que modelaram e esculpiram, e que construíram um Parthenão, um Collyseu e um Pantheão, hoje ainda ensinariam a estes *homens superiores* que entre os povos do Mediterraneo viessem estudar.

E quanto a nós e á nossa lingua? No capitulo «Arte dynamica», que enfeixa a poesia, a musica e a eloquencia, que falle o erudito sr. LAET synthetizando o maior dos nossos classicos : (2) «Vivem na historia os triumphos que

---

(1) COLLAJANI—Obra citada.

(2) CARLOS DE LAET — Em Minas.

nessas longinquas paragens (India) alcançaram heroes lusitanos com o peito illustre a que Neptuno e Marte obedeceram.»

Com os seus tres caracteres fundamentaes o typo loiro se encontra mui espalhado. Na propria China, ao S E, tribus ha que são consideradas aborigenes, no Hymalaia, no norte da Africa, nas Canarias, no Sahara, na America, onde, pensa TOPINARD, foram importados. O typo escuro, cabellos negros, pelle branca, mas se colorindo facilmente ao sol, etc., é um typo assás numeroso. Do seu estudo, resalta o mesmo echo da brachicephalia, a discussão das linguas, a investigação das origens do slavo, que seria o unico que autorizaria a pretensão a um typo correspondente.

Os primitivos allemães eram dolichocephalos, os bavaros e os badenses são brachicephalos.

Na França, como na Allemanha, é impossivel pretender descrever-se uma raça. Neste, como naquelle paiz, a côr dos olhos e dos cabellos concorrem a misturas que embaraçam qualquer investigação ou unificação.

O Sr. WEISSGERBER em 1910 escreveu um livro, (1) interessante, mas eivado das doutrinas do Sr. GOBINEAU. «Neste vasto continente quasi que uma ilha, considerado só um dos caracteres ethnicos, da coloração da pelle ha todos os tons, desde o branco, até ao negro passando pelo amarello e mesmo pelo vermelho, combinado a uma coloração amarellada ou ennegrecida.»

Fallando do typo arabe, que, no dizer de TOPINARD, serve de exemplo do semita moderno, typo dos mais bellos do mundo, na opinião de LAREY, não descerei ás multiplas subdivisões a que se conduz o Sr. WEISSGERBER, pois, mesmo a partir das suas origens, quando elles apparecem com o nome de Aribas, Aditas, etc., tudo é inteiramente obscuro.

---

(1) WEISSGERBER—Les blancs d'Afrique.

A oval do craneo é nelles perfeitamente regular, olhos negros, palpebras alongadas, arcadas superciliares e glabellas pouco desenvolvidas, pouco chanfrada a raiz do nariz permittindo que o dorso deste e a fronte se mantenham quasi que em linha recta.



Typo arabe, photographado pelo autor, no Cairo (Egypto) 909

(Fig. 25)

As invasões arabes na Africa do Norte não foram homogeneas ao que se suppõe, e se elles na Algeria têm uma situação preponderante, o mesmo não se dá na Tunisia, e em relação á importancia da população berbère que cobria o norte da Africa, a invasão é considerada fraca.

Entre os tres typos fundamentaes, *européu*, *negro* e *mongol*, o que menos homogeneidade offerece em seus detalhes, é este ultimo.

As raças amarellas em geral, lhe correspondem.

DENIKER em seu importante trabalho, (1) fallando dos povos e raças da Asia, não elucida as difficuldades existentes em uniformisar estes grupos disseminados.

«The type of the Mongolian race is very strongly marked; black straight hair, skin of a pale yellow, thin straight flattened nose, Mongoloid eyes.»

«We distinguish the ordinary eye and the oblique or narrowed Mongolian eye. It is placed obliquely so that its external angle is higher than its inner angle.»

DENIKER não accêita as conclusões para explicar o olho mongolico, taes como a inserção mais alta do ligamento palpebral externo, opinião emittida pelo Sr. REGLIA—«Orbita ed obliquità d'ell occhio mongolico», mas a de METCHNIKOFF que o explica por uma intumescencia.

No Mongol, o nariz é chato concavo, arredondado e muito proximo ao do Negro pela disposição das narinas; mas emquanto neste o nariz é grosso, no Mongol é pequeno e fino.

No geral o amarello é muito prognatha, 76 a 68 graus; mas o Chinez, o Esquimáo e o Malaio ainda o são mais, e neste ponto se approximam do Negro.

Na viagem de circumnavegação, como um dos cirurgiões do nosso Cruzador Benjamin Constant entre 908 a 909, visitamos com grande attenção o Japão e a China e

---

(1) DENIKER.—Obra já citada.

detidamente dirigimos nossa observação para os Estados Malayos e para a Ilha do Ceylão, onde desde a capital até o interior—Kandy—a grande quantidade de povos variando pelo seu traje, nos despertaram a curiosidade.

Guardamos com vivo interesse a feição dos typos singaleses, de Colombo ao interior, onde no momento, Buddha era festejado com a mais colossal procissão de elephants, em desfile pelas ruas de Kandy.

O Singalez é um dos typos mais bellos; usa os cabellos até ao dorso, traz brincos de tarracha ao nariz, tem a fronte alta, avisinha-se da variedade platyrhina e, pensa DENIKER, que este typo se approxime dos mysteriosos veddahs.

«Os velhos singaleses calvos e calmos togados de branco sobre a sua nudez, que encontrei nos arredores de Colombo, entre os templos buddhistas e á sombra das mangueiras, afiguraram-se-me reproducções em bronze de senadores da epocha republicana, vestidos de estoicismo.» (1)

O Chinez, o Coreano e o Japonéz formam tres nações de uma origem mixta. Se o Chinez não constitue a metade da população, certo dá 1/3 dos povos da Asia. No Chinez a face é alongada, e fala DENIKER: «One of the peculiarities of the Chinese Skull is the retreating forehead, and the contraction at the level of the temples.»

Dos Coreanos (Mme. Keike) citada por DENIKER assim se exprime: «The Coreans value only one physical charm in woman, and that is her abundant head of hair eyebrows «fine as a thread.»

O notavel professor Bälz, que concorreu, com a força do seu prestígio e saber na organização do ensino medico no Japão, e que para ali fôra despachado da Allemanhã, personalidade tão acatada que lhe valeu uma herma nos jardins da Universidade em Tokio, assim falla sobre o Japonéz: «Neste povo ha o typo fino e o typo commum; aquelle é

---

(1) OLIVEIRA LIMA—“No Japão.”

dolichocephalo, face longa, olhos mongoloides, nariz convexo; este, o craneo é redondo, a face larga, etc., etc.

Estes dois typos, de certo, resultaram do cruzamento entre as sub-raças mongolicas e elementos polynesios.

Conservamos bem patente na visita que, com o illustre Professor K. MIURA, fizemos á Universidade, o respeito com que elle se referia aos nossos homens e ás nossas coisas, as predicções tão lisonjeiras ao nosso futuro, que perdoem-nos rememoral-as, em um momento em que nos occupamos dos povos daquelle grande Imperio.

Um dos nossos mais cultivados talentos e que representou na diplomacia tão notavel papel, OLIVEIRA LIMA, não descurou da sua estadia como nosso representante que foi no Japão. Ahi está a sua obra (1) «Quando mesmo o velho Japão se tivesse afundado no vortice do occidentalismo, uma cousa restaria para recordal-o através dos tempos, para fazel-o immortal entre os admiradores do bello. Refiro-me á natureza, a encantadora natureza nipponica, etc.»

«O cunho do verdadeiro gosto é a sobriedade».

«O gosto artistico é tão profundo, que, no saque das cidades chinezas os japonezes recolhiam os kakemonos, as velhas porcellanas, etc.»

«A pintura, a principio, exclusivamente dominada pela influencia chineza, por volta do seculo XIII tornou-se nacionalista e heroica, dando-se com a escola de Tosa ao cultivo da epopéa patria. A escola de Kano reagiu, mas no seculo XVI IWASA MATAHEI elevou de novo a corrente nativista, e surgiram as paizagens, as figuras religiosas. Deste naturalismo da escola de Chijo a hostilidade das recordações classicas derivou no eclectismo peculiar á nossa epocha.»

Oliveira Lima com razão pretende, que a arte japoneza para ser impressiva deve, permanecer nacional, no sabor como no aspectó.

---

(1) OLIVEIRA LIMA—Obra já citada.

Soccorrendo-se da opinião de um escriptor, FELIX RÉGAMEY, «Japan in art and industry», o nosso escriptor patricio transcreve-lhe as observações que se dirigiram ás obras do desenho, onde o japonês tem qualidades, pela penetração do olhar e pela firmeza.

O triumpho da Arte no Japão reside na decoração e no ornato, para o que lhes sobra habilidade e grande fantasia.

Não quizemos antes de abandonar o Japão e depois de colher algumas das impressões que LAFCADIO HEARN dá aos que o leem, (1) não quizemos, repetimos, deixar de visitar o maior monumento elevado em Kamakura ao Buddhismo, o famoso Daibutsu, ao fim de uma alameda, ao lado as encostas, adiante o mar. Sua cabeça é tão colossal, que no seu interior se encontram nichos onde se penetra com a ajuda de uma escada. Em todas as linguas, (não todavia na nossa) exhorta-se ao visitante, que ali entre com respeito, «seu culto é de seculos e por ali se abre a porta do Eterno».

Da magestade do seu valor e da sua grandiosidade, guardamos ainda, bem nitida impressão.

Em sua totalidade, os auctores acreditam, que, nas primitivas populações do continente africano, cooperaram : *a*) elementos negros, no norte (typos altos e mui pretos); *b*) negroides no centro (anões e pelle fusca brown-skinned; *c*) Bushmen no sul, (typos curtos esteatopygicos e amarellos).

Os continuadores da raça do Cro-Magnon, elementos hamíticos, europeus e asiaticos se addicionaram áquelles, e na sua evolução, ou se mantiveram em estado de pureza entre os Berberes, ou cruzados ao negro, constituiram uma nova raça semelhante aos Ethiopes, com as quaes diz DENIKER, precisamos «provavelmente assimilar o antigo Egypto». Os berbéres impelleram o negro para o sul, enquanto os Ethiopes, um pouco mais tarde, se misturaram ás massas

---

(1) LAFCADIO HEARN—Japan An Interpretation.

negroides, na direcção de leste para oeste, e até hoje, continúa este intercambio.

Aos Hamitas seguiram-se os Semitas ou Himyaritas que atravessaram o Mar Vermelho, e que, finalmente, vem modificar os elementos berbéres, ethiopes e negros do nordeste africano.

O Bantú derivou do negro que dirigindo-se ao sul, misturou-se ao negroide pigmeu, ao ethiope e ao hottentote Bushman.

No seu seguimento o Bantú absorveu o negroide e o hottentote.

O elemento arabe, invadindo o norte africano, modificou profundamente, quer no ponto de vista ethnico, somatico, como social, as populações berbéres e ethiopes, exceptuando-se a costa da Guiné, a bacia do Congo e o sul da Africa, onde esta influencia não se fez sentir.

Das sete unidades ou grupos em que os auctores dividem as populações do continente africano, o ethiope ou o kushito-hamita, tem o cabello entre o ondeado (curlyhair) do Arabe e o lanoso (woolyhair) do negro, tem a face alongada formando um oval muito regular e um nariz que proemina é convexo e não achata.

Durante a nossa estadia em Aden na Arabia, tivemos occasião de observar perfeitamente este typo, aliás seja dito, bastante interessante no sexo feminino.

HARRY JOHNSTON (1) diz que o negro introduzido no Brazil, como escravo pelos portuguezes, é formado de elementos da Angola, do Congo e do Dahomey. Quando, de 1720 a 1730, o trabalho nas minas de ouro se incrementou, a importação do negro augmentou de proporção.

DENIKER (2) pensa, que o negro do Brazil, provenha do Zemmas, uma sub-classe dos negros da Guiné, do Cameroon e da Maoravia, com o typo physico muito uniforme.

(1) HARRY JOHNSTON. Obra citada.

(2) DENIKER. Obra citada.

Entre nós, o termo Mina foi applicado de um modo geral ao negro importado, e para distinguil-o do elemento negro já aqui nascido.

«O physico do africano vindo ao Brazil, era o de athleta modelo para um Hercules Farnésio, em contraste com o brasileiro, oriundo do portuguez considerado como a personificação da indolencia e da inactividade.» (Harry Johnston).

O elemento primitivo está quasi extincto entre nós.

O tempo e a mestiçagem para tal concorreram.

O que nos resta, é um representante cada vez mais degradado do modelo originario, onde a par de alguns caracteres existentes, v. g. nos labios, outros, se não desapareceram, entraram a confundir-se. (Veja Fig. 27)

No conceito de HARRY JOHNSTON, que abraça a classificação de LINNEU, o negro é considerado como uma especie do «Homo sapiens.»

As differenças entre elle, o branco e o amarello são consideraveis; comtudo, não são de ordem, manifesta-se JOHNSTON, para que o consideremos um ser cuja origem desça aos limites extremos, que precederam no tempo e no desenvolvimento o «Homo-sapiens».

No seu notavel, illustrado e curioso trabalho, (1) JOHNSTON admite, que nos termos devidos, o negro provavelmente seria mais primitivo que as populações da Europa, Asia e America, ou mais especializado e mais divergente do



O negro mina (do Brazil)  
(Fig. 26)

(1) HARRY JOHNSTON. The Negro in the new World.



Um typo do actual negro  
(do Brazil) (Fig. 27)

«Homem primigenius», comparativamente ao mongol e ao caucasico. «Na evolução humana, sem duvida, elle é bem superior ao australoide, o mais infimo entre as divisões do Homo-sapiens» (opinião do auctor em citação).

Se os caracteres pithecoïdes, deixados pelo Caucasico e Mongol, lhe fôrem incorporados, vivendo mais perto da natureza e guardando, portanto, caracteres que o levam até á anthropophagia, comtudo, são capazes e pensamos com FINOT, (1) de grandes emprezas intellectuaes e de se deixarem sensibi-

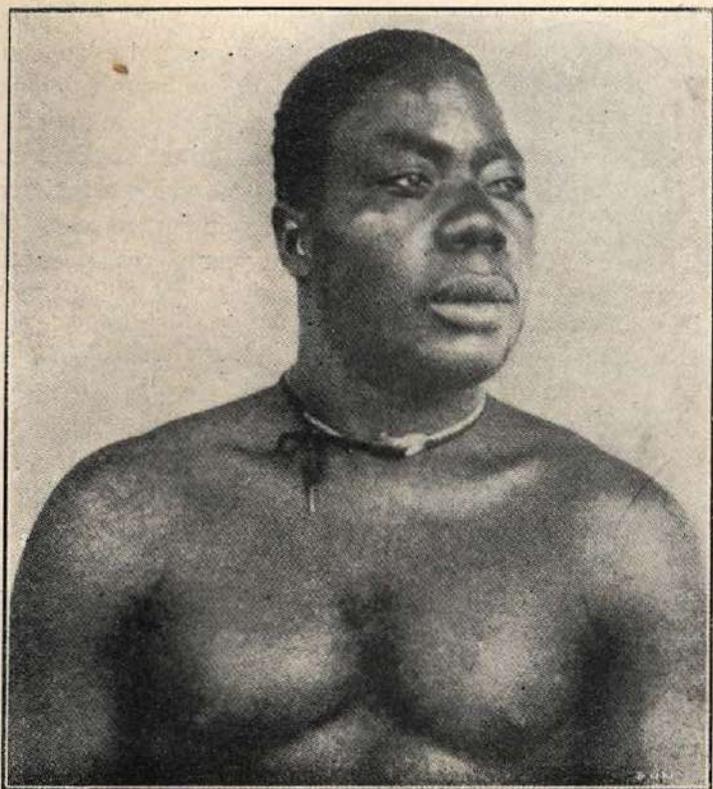
lizar vantajosamente pela influencia dos diversos factores de cultura. Abordando o negro por todos os lados do problema social, physiologico, physico e moral, repugna aceitar-se o conceito de collocar-o em um plano de inferioridade, obedecendo a idéas preconcebidas sobre a sua personalidade individual e sobre a sua collectividade.

Nos Estados Unidos a obra de educação nos Institutos Hampton e Tuskeges, o reflexo da Secessão, a influencia do meio, a acção da mestiçagem operaram modificações radicaes, relegando o conceito de um CHARLES CAROLL, para quem o negro seria «uma besta com linguagem articulada, e mãos, servindo as seu senhor branco».

O austroloide é, no conceito de JOHNSTON, «slightly more ape like than the other divisions of Homo sapiens».

O negro typico tem o craneo longo e é muito prognatha, e por excepção é mesaticephalo ou brachycephalo. Sua «norma verticalis» é elyptica. (Veja Fig. 28)

(1) FINOT—Les prejugsés des races. Obra citada.



Um negro typo africano (da Liberia) (Fig. 28)

Signal de superioridade é a fronte larga e ampla. WALTER SCOTT é o exemplo de uma fronte vertical e de pronunciadas bossas frontaes.

O typo europeu posto em confronto, dá ao lado de uma fronte estreita do negro, outra, inclinando-se, descrevendo uma curva ao nível das bossas frontaes, pouco accentuadas por si mesmo, e nada está menos perto da verdade, dizem BROCA e TOPINARD, que as frontes do 90° e 100° que os esculptores gregos, davam ás suas divindades, apparencia que elles obtinham abaixando o pavilhão da orelha.

Na apreciação do nariz, são de JOHNSTON, os conceitos ora expressos: «In respect of nose development and shape it may be said that the Negro is more pithecoïd than any existing human race, except the honest types of australoids.»

A base diverge dando narinas ellypticas. O esqueleto nasal é platyrhino. A proeminência dos malares dá a physionomia chata. A espinha nasal que supporta o septo, na parte que medeia as narinas, ou falta, ou tem minusculo desenvolvimento.

TOPINARD (1) assevera, que o prognathismo do negro ás vezes se não limita ao territorio onde elle realmente se caracteriza, isto é, na região sub-nasal e nos dentes.

A' oval da physionomia no europeu, se substitue, no negro, pela face em hexagono ou em pentagono e o porque, explana-o o sr. HARRY JOHNSTON: «In typical negro skulls the width across the brows (through the temples) is markedly less especially in women and children than across the cheek bones, while at the same time the under jaw is retreating and the chin small.»

Finalmente, o estudo comparativo entre os labios dos negros, dos mongoes e do europeu, dá um contraste digno de attenção.

Nos negros asiaticos e nos do oeste africano, o labio superior é o dos macacos anthropoides, longo e curvo, expondo largamente as mucosas, como no interior, sendo que em todos os da Africa e nos Bushmen, este ultimo labio é mais pronunciado (everted).

O hottentote ou raça Eury-prognatha, na classificação de Saint Hilaire, é mais dolichocephalo que os negros occidentaes.

Circumscripto á Africa Austral, o hottentote não tem unidade, mas representa um agglomerado de raças, neste ponto da terra.

---

(1) TOPINARD.—Obra citada.

No negro, a abertura externa das palpebras, é larga, deixando LAURENCE exprimir, que «elle tem os olhos á flor da cabeça, emquanto no chim é muito pequena, e na mulher semita é afilada».

«Dark skin, squash nose woolly hair, blubber lips, and lark heel these are the principal taunts flung at the negro».  
—HARRY JOHNSTON, (1)

A capacidade craneana do negro vae até 1.400 no africano; no australoide, (lowest of existing humans in that respect), vae a 1250 cc.

A iris é de um cinzento escuro, emquanto a esclerotica é pigmentada (como no macaco) dando um tom amarello avermelhado.

Em seus primordios e em um periodo ou lapso de tempo, que se não limita, a humanidade foi homogenea. QUATREFAGES, em trabalho já citado; (2) estudando as questões de atavismo, de que elle é um dos intelligentes enthu-siastas, synthetisa, que, quanto ao prognathismo e aos phenomenos de coloração, a primazia deve pertencer aos amarellos. «O prognathismo, traço mui pronunciado nos negros, é bastante significativo em certas raças amarellas.»

O pigmento amarello entra sempre como parcella corante na região cutanea ao lado de côres diferentes. «No cruzamento do branco e do negro o elemento corante amarello predomina. (3)

O nosso selvicola descripto com uma tez côr de azeitona, e por sua vez figurando na mór parte das combinações com os outros elementos formadores alienigenas, deixa crer que a razão não está mui afastada de todas as proporções de Quatrefages.

---

(1) HARRY JOHNSTON.—Obra citada.

(2) QUATREFAGES.—L'espece humaine.

(3) QUATREFAGES—L'espece humaine.

No Brazil a genese das raças mestiças é um problema ainda dependente de solução. O Homo americanus, mesmo destacado do grande centro representado pelo continente asiatico, deve ser considerado autonomo.

Os tres elementos essenciaes da nossa formação, o portuguez, «que nos liga á vibratil estructura intellectual do celta»; (1) o negro, e o nosso selvicola em combinação ternaria, determinam no caso mais simples, tres outras, binarias (2). O branco, cruzado ao indio, deu o mameluco ou mamaluco ou mamã ruca (de mamã, misturar e ruca, tirar); o branco, em combinação com o negro, deu o mulato; o indio, em relações com o negro, produziu o cafuso ou zambo; o negro, versus cafuso, deu o xibaró; e, finalmente, o indio, versus cafuso, deu o curibóca. «Hoje, curibóca ou caribóca, é usado no Norte do Brazil para nomear o mestiço que tem sangue de branco. Tapuio, na Amazonia, é em geral o caboclo. Ao cafuso tambem chamam caboré.»

A formação do Brasileiro é, como typo abstracto que se investiga, altamente duvidosa. Não escapamos ás leis geraes de herança e de atavismo, como soffremos por força de logica, a acção altamente modificadora do meio. RECLUS, assevera que, nesse particular, os descendentes de brancos ou negro ~~immigrados~~ á America, serão no futuro pelles ~~vermelhas~~. S

Os polygenistas não incorporaram estas ideas. O meio não póde originar raças novas. As pinturas e as esculpturas do Egypto dão o mesmo typo uniforme ás populações actuaes, postas em confronto com as primitivas.

«O meio, é agente de modificação, se varia; é agente de estabilisação, se constante.» (3)

O Brazil teve como seus primeiros colonos os deportados da península; os aventureiros attrahidos pela fama das

(1) EUCLYDES DA CUNHA.—“Os Sertões”.

(2) ROQUETTE PINTO. Obra já citada.

(3) QUATREFAGES. Obra citada.

paragens desta banda, um João Ramalho, um Caramurú, hoje glorificado em um dos monumentos de escultura entre nós.

«Quelques-uns de ces personnages ont laissé un souvenir impérissable. Le Caramurú est le plus célèbre parmi ces personnages, a cause de ce surnom sur lequel repose une des traditions les plus anciennes et les plus répandues de notre première histoire.» (1)

O europeu e o selvicola tiveram largo campo á mestiçagem. E aqui, como por toda a parte, o instincto do homem e as leis physiologicas foram a consequencia logica desta mestiçagem.

Entre nós, «pintando com realismo ingenuo a dissociação dos costumes», (2) já o padre NOBREGA, em carta ao rei, achava de bom alvitre que lhe enviassem orphãos ou mesmo mulheres *que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa.* (Gripho do autor). (3).

Compulsados todos os trabalhos que se occupam da nossa origem, mesmo aquelles que procuram historiar a questão sem se avantajarem a considerações ethnologicas e ethnographicas, resulta uma conclusão, qual a *que estamos inaptos de emittir segura opinião, sobre seguros dados.*

Desde as migrações da Asia através o estreito de Bering, desde a hypothese de que os nossos selvagens descenderam dos Phenicios, cujos barcos até nós aportaram, chegando aos dominios da terra de Noé e da torre de Babel, tudo foi objecto de larga explanação e de abundantes hypotheses, que não lograram definir o capitulo, onde impera a controversia.

---

(1) OLIVEIRA LIMA. Formation Historique de la nationalité brésilienne. Conferencias na Sorbonne.

(2) EUCLYDES DA CUNHA. Obra citada.

(3) EUCLYDES DA CUNHA. Obra citada.

A hypothese das migrações, no dizer do professor SERGIO DE CARVALHO, é defendida actualmente por notaveis ethnologos dos Estados Unidos.

Não temos, na phrase do escriptor que produziu nos tempos actuaes a maior obra de litteratura nacional, (1) «não temos um typo anthropologico brasileiro».

Os Tupys, que occupavam o littoral ao tempo da invasão, mais attrahiram sobre elles a attenção, como os Tapuyas, talvez os mais antigos habitantes da America Meridional, na opinião do sabio LUND, descrevendo o craneo paleozoico da Lagoa Santa, em perfeita identidade característica anatomica com estes.

O que com extrema audacia nos aventuramos a declarar, é que, EUCLYDES DA CUNHA incide em absoluta contradicção, quando aborda a questão da mestiçagem entre nós.

Em alguns momentos, parece que o nosso mallogrado escriptor—a cujo fim tão tragico emprestamos lagrimas de profundissimo sentimento—se deixou attrahir pela escola de GOBINEAU e de LAPOUGE, quando estes opinam «que o sangue branco viciado por mistura, perdeu a sua primitiva efficacia.»

Ora, é o Sr. QUATREFAGES que, em obra de tão notavel valor, (2) assevera que os cruzamentos modernos produziram resultados pondo em evidencia raças notaveis «Les Paulistes du Brésil en sont un exemple frappant.»

E a contradicção de EUCLYDES DA CUNHA, sob esse aspecto, mais se evidencia.

O «S. Francisco» é o grande caminho da civilisação brasileira. (3)

«Bateram-lhe por igual as margens, o bandeirante, o jesuita e o vaqueiro.» De um amplexo forçado e feroz, de victoriosos e vencidos, despontaram os curibócas.»

(1) EUCLYDES DA CUNHA.

(2) QUATREFAGES—L'espece humaine.

(3) JGÃO RIBEIRO.

Sem hesitações, também não podemos abraçar e aceitar por completo a asserção de QUATREFAGES, quando empresta ao mulato no Brazil uma capacidade politica e um instincto scientifico, como as maiores aptidões artisticas.»

O mulato, propriamente dito, é logico, não teve origem no nosso meio. Se importado, como é de crer, teve seus primeiros delineamentos do contacto entre o negro e branco fóra do nosso territorio e muito antes do periodo de invasão. Depois concorreu á mestiçagem nacional, e figurou, como figura nas lides sociaes e nos torneios scientificos com parcella de respeitavel valor.

A nossa opinião é felizmente reforçada pela Exma. Sra. Augusta Moreira que, no jornal «Globus», (Janeiro de 908—n. 5) produziu importante artigo onde estuda o valor social e ethnico dos coloridos do Brazil. (1)

A illustre escriptora emitta opiniões pessoas e menciona outras originarias das iuvestigações do professor JULIANO MOREIRA.

Tres elementos ethnicos coloridos devem ser diferenciados no Brazil: primeiro, os naturaes do paiz; segundo, negros dos diferentes pontos da Africa; terceiro, elementos indianos das colonias portuguezas. A todos se deve addicionar um pequeno numero de chinezes aqui aportados mais tarde.

A cabeça dos coloridos entre nós figurou com os nomes do pedagogo Florencio, (negro da Bahia), de Gonçalves Dias, Rebouças, pae e filho, Jequitinhonha, Tobias Barreto, José do Patrocinio, etc.

«Es ist sicher daz der mulatte in bezug auf Intellektuälitat dem Weizen gegesber nicht verliert.» (2)

(1) Zur Kennzeichnung der Farbigen Brasiliens — Von Augusta P. Moreira. Rio de Janeiro.

(2) Idem, idem.

E fóra do nosso meio, o facto é ainda confirmado em Alexandre Dumas, Lislet Geoffroy, na França; du Bois, nos Estados Unidos; Gonçalves Crespo em Portugal, para onde fóra mui joven.

Tambem não acceitamos nem se nos afigura logica, a asserção «de que o mestiço, *mulato, mamaluco ou cafuz, é um decahido sem energia, quando aquelles desconhecidos singulares Jagunços, que ali nos sertões estão ha tres seculos abandonados*, e sobre os quaes girou um dos capitulos da obra do escriptor; bem investigada a sua origem, talvez não seja extranha a mestiçagem de que todos nós jámais nos poderemos declarar independentes.

Descrevendo o typo americano, com a resalva do esquimao, TOPINARD da-lhe um conjuncto que, em traços geraes, se approxima do asiatico, seja pela côr da pelle, natureza dos cabellos, côr dos olhos, megazemia orbitaria, etc.

Muitas das populações indigenas da America achatavam a porção posterior do craneo que é vertical, têm a fronte moderadamente larga, baixa e fugidia, orbitas quadrangulares e megazemas, esqueleto do nariz mesorrhino.

A deformação do craneo praticada por diversas tribus indigenas da America, desde tempos remotos, já fóra descripta por STRABÃO e PLINIO, como tambem era conhecida entre povos europeus na França e na Suissa.

Os nahuas do continente americano propagaram o habito; e se a intelligencia e as faculdades intellectuaes não são compromettidas por esse processo, é porque o cerebro se adapta, como os demais orgãos, a uma compressão lenta e progressiva.

Ha uma extensa variedade de deformações, que assignaladas pela anthropologia, *não devem ser estranhas ao conhecimento do artista na execução de obra, de character local.* «A deformação em trevo» era característica da Ilha dos Sacrificios. O astecas, deformavam a fronte que se tornava

extraordinariamente fugidia; e GALANTI (1) descreve a nação dos omaguas, umanas ou cambebas, (todos estes nomes significando cabeça chata), «que apertavam a testa e o *tou-tiço* entre duas táboas, afim de tornar a cabeça perfeitamente chata, no intento de procurar a maior semelhança possível com a lua cheia, para elles o ideal da belleza de um rosto humano.»

Os botucudos achatavam os ossos proprios do nariz, e os kirghis executavam a deformação naso-parietal. (2)

A nação dos tupys, que se póde dividir em grupos, do norte, sul, leste, oeste e centraes, comprehende, por sua vez, uma serie de familias, todas ellas resentindo-se na phrase de DENIKER, (3) da falta de estudos anthropologicos.

Já a nossa memoria estava a ser dada por finda, quando conhecemos a obra do sr. NICEFORO; através o professor DR. SERGIO DE CARVALHO.

O illustrado Sr. NICEFORO a quem já nos referimos em nosso trabalho, publicou em 1905 uma das suas mais importantes producções dirigindo-se então ao terreno da anthropologia social. (4)

O auctor faz na primeira parte, um estudo de comparação sobre caracteres physicos nas classes pobres, examinando 3.147 crianças—«fils d'ouvriers et de parents aisés dans les ecoles de la ville de Lausanne. (5)

A altura, o peso, o perimetro thoracico, a força, a resistencia, a fadiga, a *circumferencia da cabeça*, a *altura da fronte*, a *provavel capacidade craneana*, o *peso provavel do encephalo*, a *côr dos olhos*, *dos cabellos*, *algumas anomalias da face*, e

(1) RAPHAEL GALANTI—Historia do Brasil.

(2) TOPINARD—Revista de Anthropologia, Descrição e mensuração de uma serie de craneos kirghis.

(3) DENIKER—Obra citada.

(4) NICEFORO—Les classes pauvres.—Recherchess anthropologiques et sociales.

(5) Idem.

*finalmente a physionomia*, foram respectivamente investigados pelo notavel professor, que agiu sempre sob um prisma de confronto quanto á posição social, e quanto ao sexo.

«As crianças abastadas têm 1 a 2 centms. mais em circumferencia de cabeça que as pobres; n'estas a capacidade craneana em confronto com aquellas, é menor. Brachycephalos ou dolichocephalos, os ricos tem a circumferencia, a frente e a capacidade provaveis superiores, á dos pobres.» No que diz respeito á côr dos olhos e dos cabellos, as considerações do auctor são assás curiosas, sobresahindo n'este particular do cotejo de opiniões que elle exara, conclusões onde transparece o sabor local e a formula individual.

«Se causas morbidas detêm a evolução organica, ellas se farão sentir na coloração dos cabellos que se fixará em suas fórmias iniciaes.»

LOMBROSO, RIPPLEY etc., referindo-se ao albinismo, muito mais commum no sul da Italia onde, nas populações, domina o typo escuro, procura explical-o pela maior miseria do que no norte d'aquelle paiz, e só esta razão accrescenta NICEFORO, pôde valer para esclarecer, «este paradoxo da geographia do albinismo na Italia.»

A coloração sendo um phenomeno de raça, RIPPLEY no entanto explica a predominancia das côres claras nos olhos e cabellos, no norte da Europa, pela acção dos neveiros e do rigor do clima n'este ponto.

*Arte* — No estudo das manifestações dos sentimentos estheticos observa-se, (NICEFORO) que nas baixas classes, elles se assemelham «d'une façon singulière aux manifestations des ces mêmes sentiments dans les civilisations primitives chez les peuples sauvages e chez les enfants.»

Quando a crença se enraizou que da fonte de Fondacamo na Sicília, a agua jorrara impellida pelo golpe de uma enxada que sob a rocha desfechára um monge, não se fez mais que repetir a lenda de Moysés.

por sua vez imitada da mythologia veddica, Indra, Deus, rasgando as nuvens dando agua para aplacar a sede e a fome.

Houve como que uma estagnação do senso esthetico nos espectaculos, nas letras, uma reproducção do antigo, traduzindo-se na pratica dos proverbios «une forme bien arretée de manifester la pensée chez les sauvages». (1)

A epopéa cavalleirosa é mais especulada para o meio onde a cultura é pobre ou é producto, só do ouvido.

A predilecção para o folhetim para as artes de fancaria para os espectaculos onde se tece o enredo traduzindo-o no calão, constitue predilecção das classes baixas, e hoje atravessamos com o theatro entre nós, a epocha mais caracteristica.

Na dança e na musica é o mesmo echo que se escuta ; a reproducção do passado. O mesmo para os ornamentos, os desenhos, e a tatuagem que em estatistica vae n'uma escala decrescente do selvagem ao criminoso, ao homem inculto, para attingir a prostituta.

Na reproducção de um thema artistico, este dado não é de pouco merecimento.

O negro, que pela côr não se pôde tatuar, obtem desenhos no corpo á custa de queimaduras.

A arte descobriu nas cavernas das esculpturas dos menhyrs os desenhos hoje reproduzidos pelo povo nos muros, á custa do carvão e do graphito, exprimindo imagens e symbolos.

LOMBROSO em estatisticas que reuniu sobre estas inscrições, observou na sua mór parte, a reproducção de passagens obscenas e a manifestação de baixos sentimentós, sobretudo nas prisões.

Os desenhos representando circulos simples e duplos, um ponto central e raios, tiveram uma epocha prehistorica, uma significação symbolica e certamente hieratica.

(1) TYLOR. La civilisation primitive.

CHAMPFLEURY designa sob o nome de l'imagerie du pauvre uma serie de manifestações artisticas com caracteres es-  
especiaes, que só podem agradar a um publico primitivo.

Tudo é extremamente primitivo e grosseiro. O mesmo e unico sentimento as delineou, a physionomia é sempre uma oval, com pontos e linhas representando os olhos e a bocca, nas mãos ás vezes falta o pollegar, proporções falsas e nenhuma perspectiva.

Esta litteratura popular de facecia e de argucia, de religião e de magia com imagens grosseiras e barbaras, reproduzindo o selvagem, só póde pretender agradar a espiritos cuja illustração se encontre em seus primordios, áquelles cujo cerebro ainda vive mergulhado á sombra onde medrem estes parasitas nutrindo-se de um sangue onde a cifra de oxigenio não attingiu aos limites do normal.

